



Vila Velha de Ródão, 2019

LADOEIRO: PEQUENOS ESTUDOS PARA A SUA HISTÓRIA

Ladoeiro: study cases for its History

António Maria Romeiro Carvalho

Sociólogo. Professor de História e investigador do IEDS da Universidade Nova de Lisboa.
amromeiro@yahoo.com.br

Palavras-chave portais quinhentistas, toponímia, Inquisição, procissão, simbolismo, anjos

Keywords quintal portals, toponymia, Inquisition, procession, symbolism, angels

Resumo

O autor tem investigado e publicado alguns livros e artigos sobre a história do Ladoeiro, concelho de Idanha-a-Nova. Em complemento do já publicado, vem fazendo pequenas investigações, que juntou neste artigo. Estas investigações pretendem enriquecer a história contada em *Ladoeiro: Pedações de Uma História*, editado em 2015 e abordam os temas: a primeira invasão francesa e forte; os números nos portais quinhentistas; a ponte da Munheca; a herdade da Cardoso e a origem fenícia do topónimo «Ladoeiro»; cristãos-novos e a Inquisição; a Procissão dos Homens na Quaresma; o brasão da capela da Misericórdia; o simbolismo das cores na aldeia; mentalidades; linguagem; cantareira e o bostear na casa aldeã; anjo Custódio e anjo da guarda.

Abstrat

The author has investigated and published some books and articles on the history of Ladoeiro, country of Idanha-a-Nova. In addition to the already published, has been doing small investigations, which joined in this article. These investigations are intended to enrich the story told in *Ladoeiro: Pedações de Uma História*, published in 2015, and discuss the themes: the first French invasion and the castle; the numbers in the sixteenth-century portals; the Munheca bridge; the homestead of Cardoso and the Phoenician origin of the place name «Ladoeiro»; New Christians and the Inquisition; the Procession of Men in Lent; the coat of arms of the Misericórdia chapel; the symbolism of colors in the village; mentalities; language; *cantareira e bostear* in the village house; angel Custódio and guardian angel.

Introdução¹

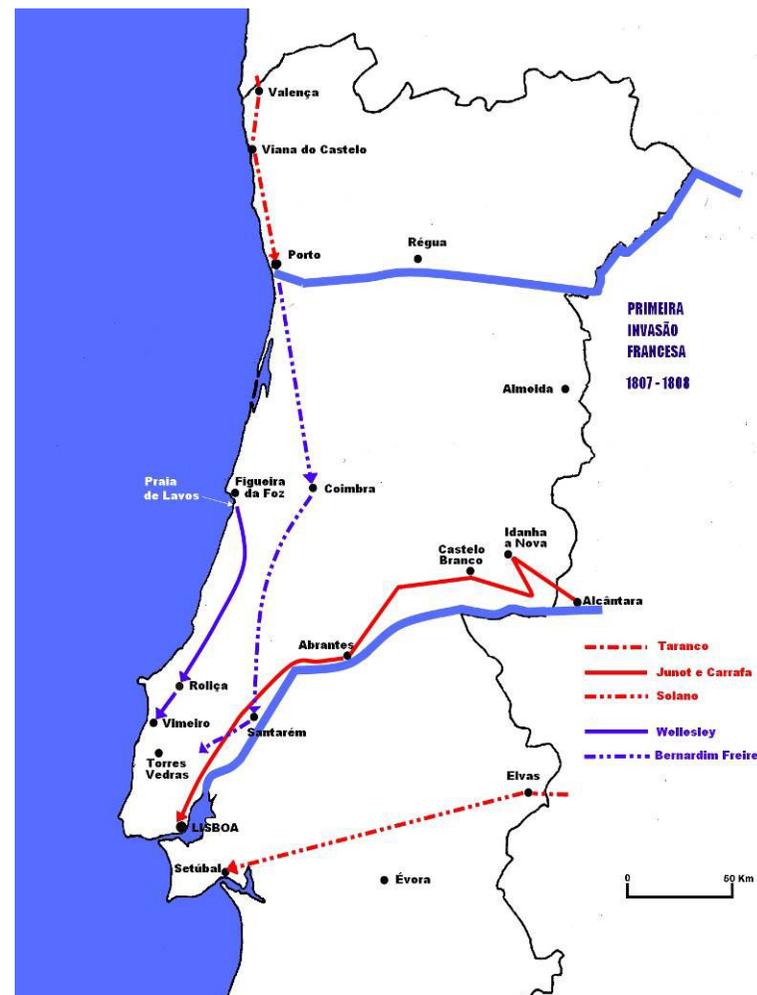
O autor tem investigado e publicado alguns livros e artigos sobre a história do Ladoeiro, concelho de Idanha-a-Nova. Em complemento do já publicado, vem fazendo pequenas investigações, que juntou neste artigo. Estas investigações pretendem enriquecer a história contada em *Ladoeiro: Pedações de Uma História*, editado em 2015.

As fotos sem referência ao autor são do autor deste trabalho.

¹ Imagem na capa: Fonte Grande, Ladoeiro, fotografia de António César d'Abrunhosa, meados da década de 1930, cedida por António Silveira.

1. A Primeira Invasão Francesa: passagem no Ladoeiro e o Forte

As forças francesas, que partiram de Alcântara, dirigiram-se para Castelo Branco e daí para Abrantes, onde foram chegando entre 23 e 26 de Novembro de 1807. A marcha entre Alcântara e Abrantes foi a mais difícil por causa da chuva e das péssimas vias de comunicação, quando existiam. Oman escreve que «todas as peças de artilharia, excepto quatro peças espanholas de artilharia a cavalo, ficaram pelo caminho; a cavalaria estava praticamente desmontada».



Mapa 1. A rota das tropas invasoras.

Metade da infantaria encontrava-se fora da estrada a saquear ou a descansar, mortos de cansaço, nas poucas e pobres aldeias por onde passavam». (1902:28). É esta última frase que permite pensar que os soldados franceses também passaram e estiveram pelo Ladoeiro. Além disso, é bem provável que houvesse pelotões que não seguiam o grosso da coluna, antes viajavam nos lados a fim de o proteger.

Os mapas que indicam o percurso dos soldados da primeira invasão francesa apontam Alcântara, Idanha-a-Nova, Castelo Branco. Entram em Portugal pela ponte de Segura e vão diretos a Idanha-a-Nova. Daqui, descem a SE e sobem para Castelo Branco, como se vê no mapa 1, tirado de https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/70/Mapa_da_1%C2%AA_invas%C3%A3o_francesa.jpg.

Estiveram em Idanha-a-Nova, como atesta Carvalho: «Junto á Praça estão as Cazas da Cadeia que tem huma pedra d'Armas Reais picada» e «A Fonte do Chafaris da Marmeleira tem uma bica de pedra por onde corre a agua, e tem uma Pedra de Armas Reais picadas por ordem de Gino na invasão Franceza». (2016b:16, 20).

Do Ladoeiro, a propósito da medição da Ladeira, diz Carvalho: «todo este Terreno que hoje se acha em grande parte ocupado por muitas cabanas e furdas *tem o seu asento nas ruínas de huma grande parte deste Povo*, que muito padeceo **nas antigua invazoes dos inimigos** deixando-se ainda hoje conhecer muitos vestigios de ruas antiguas pello decurso do tempo se tem ido arruinando». (2016:67). É pois possível que algumas tropas francesas por aqui tenham passado e parado. As palavras que coloquei a negro parecem referir-se a, entre outras, à invasão francesa. Contudo, não destruíram o brasão/ escudo de D. Sebastião da Fonte Grande, ao contrário do que fizeram em Idanha-a-Nova, onde, segundo o *Tombo dos Bens ...* (1818), destruíram os brasões da Casa da Câmara e da Fonte do Chafariz da Marmeleira.

Na memória paroquial (1758), o Cura Luís Barbosa escreve do Ladoeiro «ao vigésimo quarto se responde que não tem muros mas tem um forte quase demolido». Sessenta anos depois, 1818, data do *Tombo...*, haveria ainda vestígios deste forte? E, a crer nas palavras que coloquei em itálico, ficaria localizado na Ladeira, a par da colina onde se ergue a igreja matriz, a parte mais alta da povoação? Carvalho (2016a), com muitas reservas, afirmou que o forte se ergueria onde hoje está a casa de balcão da Ladeira e muitas das pedras de cantaria desta casa, que hoje são três, pertenceriam ao forte. É nos locais altos, regra geral, que se constroem fortes e castelos e o granito é raríssimo no Ladoeiro. Esta casa terá sido erguida sobre as ruínas do forte, utilizando algumas das suas cantarias. O terreno da Ladeira é privado, como se lê no *Tombo...*, «tornando-se

publico este terreno, que realmente he particular com o que igualmente se confirmou o Procurador deste Tombo por se não achar medição nem declaração alguma a este respeito no antigo Tombo, que exebio». (2016:67). Ser dono deste grande espaço pressupõe ser rico e ter poder. Poderia pertencer, e seria o construtor desta casa, um dos Rufino nomeados no *Tombo ...*, (1818), famílias ricas: Simão Pires Rufino, Manuel Pires Rufino e António Pires Rufino, que era um Procurador do Povo.

2. Os chamados Portais Quinhentistas

Vários portais chamados quinhentistas têm um número nele rasgado. Carvalho (2016), para o Ladoeiro, afirmou que estes números serão a numeração de pedras para a construção do forte e do curral do concelho do Ladoeiro e que, daí, terão sido roubadas. Em Enchabarda, Castelejo, os populares dizem algo semelhante: que as pedras vieram doutro sítio.

Santo escreve que, aqui, em Enxabarda, bem como em outras povoações próximas, têm números gravados nas ombreiras das portas. «Há-os das várias séries de centenas, da série do 300 à do 1000 em ordem completamente dispersa. Algumas dessas casas numeradas parecem datar da Renascença, pelo menos. Ninguém nos soube explicar a origem de tais números». Não é numeração polícia. Tal apenas acontece na década de 1960, com o início da distribuição do correio porta a porta. No Ladoeiro, aconteceu em 1961, era Presidente da Junta de freguesia o Dr. António Pina Gonçalves.



Figura 1. O número 175, na ombreira de uma varanda da casa de Andrade da Silveira, 1815-1837, Rua da Misericórdia, nº 2. Ladoeiro, 2016.

A Figura 3 mostra os números que vi e copiei no Ladoeiro. São 19. Nota-se a semelhança dos 1 (um), seja o primeiro, seja o último, seja o carácter do meio. Igualmente, a semelhança dos números 8 (oito), 2 (dois), 5 (cinco), 9 (nove) e 6 (seis).

Os números, de alto a baixo, estão nas Ruas e números seguintes: Rua João António da Silveira, antiga Rua da Misericórdia, 2; Rua da Amoreira, 24; Rua do Adro, 2 e 4; Rua do Outeiro, 15; Largo Eng. Carlos da Costa, Largo da Avenida, 24 e 20; Rua Heróis do Mar, 7; Rua Afonso Henriques, 39; Rua de Angola, 9 e por informação oral terá havido um número no 3; Rua da Misericórdia, 6 (janela); Rua do Outeiro, 2; Rua do Saco, 34 e 24; Rua da Porta, 7 e 10; Rua de Santo Antão, 8; Rua Afonso Henriques, 38 e 32.

Em Enchabarda, apenas vi três números, os três na Rua de Santo António.

175	133	
138	69	362
128	78	347
122	81	349
52		
181		
111		
44		
75		
12		
113		
60		
92		
95		
105		

Figura 3 e 4. Ladoeiro e Enxabarda, respectivamente, 2017.

O costume, continua Santo, «de numerar as casas não é vulgar, e só o notamos com persistência nestas aldeias. Parece tratar-se de um registo de mútua de gado, corporação ou colectividade cujos membros seriam as famílias/ casas de pastores, o número equivalia à certidão, ou carta de sócio, dos nossos dias». (1989: 256).

Voltando ao Ladoeiro, os números vão do 12 ao 175. O 175, visível na foto 1, pode ser datado. Andrade da Silveira, abastado proprietário, troca um terreno por este assento de um edifício em ruínas pertencente à Confraria de Nossa Senhora do Rosário, em 1815. Pretendendo ter porta aberta de sua casa para a capela da Misericórdia, ao nível do primeiro andar, donde assistiria aos ofícios divinos, faz pedido de abertura em 17 de Dezembro de 1837 e a autorização é concedida no ano seguinte. Poderemos colocar 1830 como o ano da inscrição do número 175 e do número 133. Contudo, como refere Santo (1989), visto a maioria dos portais serem quinhentistas, coloco a existência da Mutualista de criadores de gado do século XVI ao XIX, inclusive. Um espaço de quatro séculos, o que diz da funcionalidade e permanência de um acto, bem como da actividade da criação de gado.

3. A Ponte da Munheca

A ponte da Munheca foi construída durante três anos, de 1872 a 1875, e constituiu um marco da engenharia para as aldeias vizinhas. Lembro que o meu pai, e o pai de muitas crianças como eu, me levou, na bicicleta, ver a ponte e poder observar esta admirável construção. Falo em anos anteriores à inauguração da Ponte Salazar, hoje ponte 25 de Abril.

A meio, do lado direito, para quem se dirige ao Ladoeiro, está esta placa:

REINADO S(UA) M(AJESTADE) D. LUIZ 1º (PRIMEIRO)

SENDO MINISTRO DAS O(BRAS) P(ÚBLICAS) O EXCELENTÍSSIMO SENHOR ANTONIO CARDOSO AVELINO

PRINCIPIOU A CONSTRUIR-SE AOS 4 DE SETEMBRO DE 1872

CONCLUIU-SE AOS 12 DE AGOSTO DE 1875

A PONTE DE PONSUL

CONFORME O PROJECTO E SOB A DIRECÇÃO

DO CAPITÃO D' ENGENHEIROS A. M. A. GIFIDIE

A ponte tinha quatro bancos de granito, dois de cada lado, entretanto roubados. Tinha duas cruces/ cruzeiros, de mais de metro e meio, nas duas pontas, que também desapareceram. Não me lembro de haver a cruz do lado esquerdo, no início da ponte, quem se dirige a Castelo Branco, mas os mais velhos dizem que havia. A outra, no fim da ponte, à direita, desapareceu por volta de 2010.

Esta cruz, segundo a tradição oral, terá sido erguida em memória do engenheiro chefe, que se suicidou. Conta-se que ele terá afirmado que se sobrasse alguma pedra se lançaria da ponte abaixo. Ora, sobrou uma pedra das que servem de guarda da ponte e o engenheiro fez o que prometera. Segundo contam, essa pedra ainda lá estava em meados do século XX.

As cruces marcam a manifestação do sagrado, positivo ou negativo. Positivo, o aparecimento de Nossa Senhora, Jesus ou um santo. Negativo, o aparecimento do Diabo ou acidente, ou suicídio, como foi o caso, diz-se. É tradição, que ficou escrita nos contos populares ou canções populares, que, no início de uma ponte estava o Diabo e, no final, estava Deus. No conto «Com Deus e com o Diabo», Oliveira e Ferreira (1977), vendo o mau estado da ponte de madeira, o pobre lavrador chamou por Deus e o Diabo apareceu ofendido por não ter sido chamado. O lavrador lá foi passado, pé ante pé, «com Deus e com o Diabo».

Quando alguém estava à beira da morte, vinha uma velha da aldeia rezar as 12 palavras ditas e tornadas; à cabeceira do quase defunto estava o seu anjo da guarda, anjo Custódio; aos pés estava o Diabo. E a velha dizia, pelo Diabo: «Custódio, amigo meu». «Custódio sim, amigo não».

Na canção «Que Linda Falua» há algo semelhante. Para pagamento da portagem terá a mãe de ficar ela própria ou deixar um filho: «Passará, não passará, Algum deles ficará, Se não for a mãe, à frente, É o filho lá de trás». Nos três casos, há a passagem de algo difícil: a ponte, a morte, o rio.

No blogue <http://beira-baixa-historia-oculta.blogs.sapo.pt/411.html> lê-se que que uma das colunas da ponte assenta nuns restos de uma ponte romana. Contudo o autor problematiza bem: não faz sentido construir aqui uma ponte quando o caminho pedonal de Castelo Branco para o Ladoeiro se fazia, e continuou a fazer por séculos, por Belgais: «seria natural que a passagem fosse mais a sul a jusante na confluência do Ponsul com a Ribeira do Povo, pois ali a travessia seria bem mais fácil ficando assim junto do importante sítio romano da Granja dos Belgaios». Hormigo (1979) escreve que a antiga via romana ia de Castelo Branco a Belgais.

Assim, não anulando a possibilidade de haver uma ponte, em pedra ou em madeira mais antiga, esta, terminada em 1875, seria a primeira e da data da estrada em *macadam* que, possivelmente, sucedeu a um caminho.



Figura 5. Ponte da Munheca, de António César d'Abrunhosa, meados da década de 1930. Foto cedida por António Silveira.

4. A Herdade da Cardoso e o Esporão. Fenícios e Lusitanos

A propósito dos Lusitanos que povoaram a Beira Interior, Alarcão escreve:

A localização dos Taporí na área de Castelo Branco parece-nos suficientemente credível. Talvez a cidade de Verurium, citada por Ptolemeu, tenha sido a sua capital. Com a mesma componente -ur ou, numa simples variação gráfico-fonética, -or, os Elbocori poderiam ser étnico-linguisticamente afins dos Taporí e seus vizinhos, se bem

que muito longe, a sul do Douro, os Paesuri revelem ainda a mesma componente. A partir da forma Elcoboris, que se encontra num dos manuscritos de Ptolemeu (Müller, 1893), e tendo em atenção o nome de Alcoba que teve a serra do Caramulo pelo menos até ao século XVI (Ferreira et al., 1957), aventámos a hipótese de os Elbocori de Plínio se situarem na área de Bobadela (Oliveira do Hospital) (Alarcão, 1990b:378). A forma Elbocoris para a cidade e a de Elbocori para o *populus* são, porém, possivelmente, as correctas. Ora Ptolemeu situa Elbocoris a oriente de Sellium (Tomar). Ainda que as coordenadas ptolemaicas não sejam elemento seguro para localizarmos as cidades que a Geografia regista, é muito provável que esta civitas ficasse entre os rios Tejo, Zêzere e Ocrea. Este último, em parte do seu percurso e depois, para norte, a serra do Muradal dividiriam Elbocori, de Taporí.

São estes os *populi*, continua o autor, «que propomos para integrarem os Lusitani do lado actualmente português. Vejamos se o testemunho dos cultos confirma alguma comunidade entre eles». (2001:299-300)

Quanto à sua instalação no território, Alarcão escreve que

Raquel Vilaça (1995:375-376) conclui que os povoados da **Beira interior terão sido instalados no século XII ou XI a.C.**; os da Beira central, com ligeira maior antiguidade aparente, no século XIII a.C.; os do Noroeste, nos meados do mesmo século XIII. As datações são poucas mas não inviabilizam a hipótese de uma invasão do Noroeste por volta de 1250 a.C. (2001:322). Não sendo possíveis quaisquer certezas, parece todavia admissível que os Lusitani, no momento da sua instalação em 1250 a.C., não fossem centenas de milhares, nem sequer muitas dezenas de milhares, mas se situassem entre um mínimo de 15.000 e um máximo de 40.000 habitantes, o que daria uma densidade máxima de c. 2,4 habitantes por km², muito superior à dos índios do continente americano a norte do México na época dos primeiros contactos com os Europeus (Akoun, 1983:332-333). (2001:324).

Nesta Lusitânia, que se diz toda impregnada de celtismo, escreve Sarmiento, «não só não encontramos vestígios alguns de usos e costumes célticos, mas os usos e costumes dos lusitanos, cotejados com os usos e costumes célticos da mesma categoria, são de todo em todo diferentes, senão diametralmente opostos» (1882:1). E mais à frente, Sarmiento continua afirmando que «a história, a etnologia, a arqueologia repelem una voce a celticidade dos lusitanos, a onomástica da Lusitânia não pode ser céltica. E ainda: se é certo que só pelas línguas chamadas neo-célticas se pode explicar esta onomástica, tais línguas não podem ser célticas». (1882:25).

A propósito dos Fenícios, Arruda afirma: «parece-me indesmentível que os grupos fenícios que atingiram o espaço hoje português no início do 1º milénio a.n.e. «foram responsáveis pela introdução de um amplo conjunto de tecnologias, espécies vegetais e animais, hábitos sociais, práticas e rituais funerários [por outro lado] tudo indica que, num espaço de dois séculos, esses componentes foram manipulados por grupos autóctones, com um relativo à vontade». (2008:19). A verdade é que, continua Arruda, o papel dos colonos fenícios foi determinante na construção e alteração nos sistemas social, político, económico e cultural o que determinou «a quase dissolução dos sistemas culturais das comunidades menos sofisticadas do ponto de vista tecnológico, neste caso as indígenas, ainda que pareça certo que, destas últimas, sobreviveu, pelo menos, um efectivo legado genético». Esta dissolução não foi imediata, escreve Arruda, «nem sequer generalizada em termos geográficos e cronológicos. Mas, a partir da segunda metade do século VII a.n.e., é impossível «desenhar fronteiras entre comunidades cultural e geneticamente diferenciáveis nas áreas orientalizadas do actual território português. E a realidade empírica evidencia que os elementos exógenos prevaleceram sobre os das comunidades autóctones». (2008a:20).

Comparando a religião fenícia com a religião das populações tartéssicas, Arruda e Celestino estabelecem diferença acentuada. A religião fenícia, dizem os autores, «fazia parte integrante de um sistema social estratificado e com características eminentemente urbanas». Já sociedade do Bronze Final ibérica «parece possuir uma organização social pouco complexa e o que sabemos permite afirmar que o processo de urbanização era ainda incipiente». Os autores chamam a atenção para o facto de a língua ser o suporte e articulação entre o pensamento e a religião, pelo que falariam a mesma língua. Por outro lado, lembram Arruda e Celestino que a coerção política, económica ou militar não consegue, muitas vezes, o domínio desejado. É controlo ideológico que permite/favorece esse domínio. (2008b:1).

Em resumo, os Lusitanos ter-se-ão estabelecido nesta região entre 1.100 a.C. e 1.000 a.C. e não têm qualquer relação com os Celtas, que nunca por aqui estiveram. E, pouco depois, terão chegado os Fenícios que influenciaram os Lusitanos em toda a ordem: economia, sociedade, religião, e, inclusive, na língua.

A propósito dos Celtas, Santo afirma que «sob o império romano, «celta» significava o não romano; na actual Inglaterra, dizer-se celta significa atribuir-se uma identidade não saxónica, quer dizer que o termo encobre o desejo da recusa da identidade da maioria da nação, um inconformismo, a busca de uma identidade «o termo celta utilizado na Península no sentido de não romano podia ser o termo fenício-cartaginês *selte*, *salte*

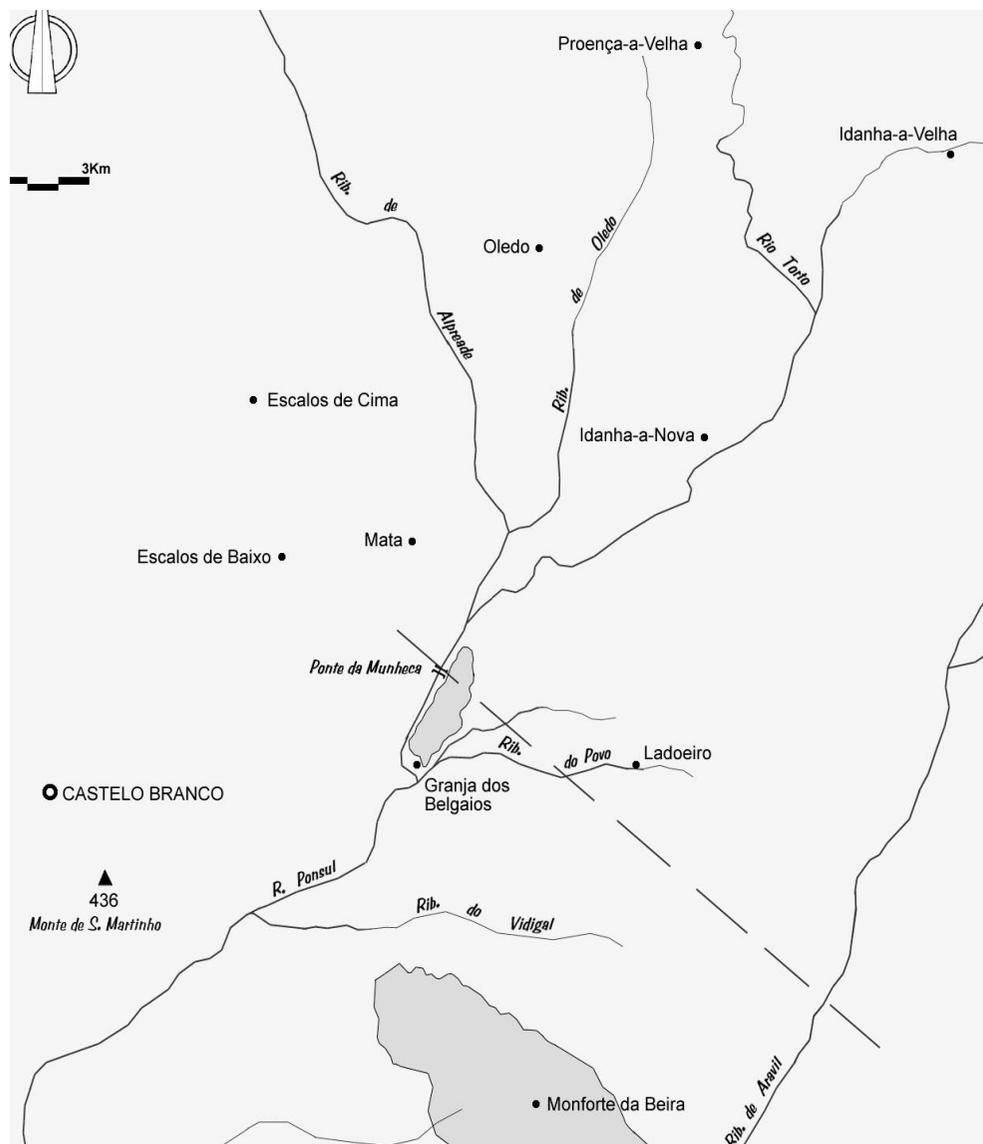


Figura 6. Mapa da herdade da Cardoso.

que significa «governador absoluto, tirano, dominador local, isto é, um regime político fora do conceito romano de Estado; *sêlete* também significa escudo redondo pequeno como o das estátuas lusitanas, e *sêleton*, autoridade, domínio». (1993:43,48).

Por outro lado, o limite sul da Herdade da Cardoso, seguindo mapa de Alarcão, que apresento, seria uma linha recta traçada da Ponte da Munheca ao Rio Aravil, atravessando o ribeiro do povo a uns 2,5 km a ocidente do Ladoeiro. (2001:301). Ladoeiro seria então o esporão desta herdade.

Herdade é a tradução de monte, palavra fenícia. Seguindo Santo (1993), monte, no sentido de monte alentejano, termo muito utilizado na Beira Interior, não vem do latim *mons*, *montis*, que significa monte, elevação, outeiro, colina. Vem de *mnt*, que significa porção, ração; parte que cabe em herança. Herdade é o que cabe em herança. Quanto a Cardoso, Almeida escreve que «topónimos como "Cardo", "Cardosa" ou "Cardoso" devem ter geralmente pouca relação com a planta espinhosa a que chamamos "cardo". "Qaradu" (ou "qrd") significa "guerreiro", "herói" e "âz" é "ser forte" (daí também o nosso "ás"). Logo "Monte da Cardoso" é provavelmente um local onde existiu uma fortificação com guerreiros». (2015:58). Assim, Herdade da Cardoso significa terras cabidas por herança onde está afortaleza do guerreiro.

Mas o problema é saber quando se chamou Esporão e Ladoeiro. Hormigo escreve que «os documentos de mil quinhentos e cinco chamam-lhe Ladoeiro; em 1610, são válidos os dois termos Ladoeiro ou Esporão para designar o povoado. Em 1628-1629, parece ter-se dado a quebra do termo esporão passando a partir de então a escrever-se Ladoeiro» (1979:5).

Porém, dois documentos de Filipe I, que dão as ervagens à Misericórdia do Ladoeiro, de 1581 e 1588, para as venderem e poderem construir a capela, chama Esporão à povoação. Parece possível afirmar que o termo Esporão aparece nos documentos oficiais no tempo dos Filipes, 1580-1640. Não sabemos como o povo chamava à sua terra, nem por que razão os documentos escritos achados a designam de Esporão nesta época e porque terminou tal designação.

No Tombo dos Bens... (1818), aparece Ladueiro. No Decreto de 6 de Novembro de 1836, aparece Ladario. Temos, pois, Ladoeiro, Ladoeiro, Ladueiro, Ladario. Daqui ressalta, à boa maneira das línguas cananíticas, que só têm consoantes, a permanência das consoantes «L», «D» e «R». Como escreve Santo, «as línguas semitas estão concebidas em função da oralidade. A entoação, as nuances vocálicas, a fluência ou as rupturas, a pressão da voz, etc... é que determinam a significação da mensagem, definem como os fonemas estão organizados». (1993:88). E Santo apresenta o exemplo de «berashit» (no princípio), Gênesis 1,1. O autor apresenta 159 significados para a palavra. (1993:90-94).

Decididamente, Ladoeiro é palavra de origem fenícia. Não vem de lodos, poças de água, como escreve Hormigo (1979), pois centenas de povoações tinham ou têm lodos e não são Ladoeiro; além de que os lodos desapareceriam na Primavera/Verão, pelo que a povoação teria de ter dois nomes: um para o Inverno, outro para o Verão.

Ladoeiro também não vem de Lodoeiro, a árvore também denominada lódão, lódão-bastardo, ginginha-do-rei, agreira, ou nicreiro, e *celtis australis*, como escreve Silva (2017). Ainda que esta árvore dure 200 ou até 300 anos, não é eterna e os nomes são eternos. Eternos como os rios e as montanhas, eternos como as rochas e os caminhos por onde caminham homens e rebanhos há milhares de anos. Se Ladoeiro viesse de Lodoeiro, árvore que nasce espontaneamente juntos a ribeiros e rios e em terrenos húmidos, milhares seriam as povoações Lodoeiro ou Ladoeiro ou mesmo Ladário. E não há. Abrindo o Google, anota-se: Caminho do Lodoeiro, concelho de Baião; Lodoeiro, concelho de Mesão Frio; Ladoeiro, concelho de Idanha-a-Nova; Ladário, concelho de Sátão.

Como escreve Carvalho,

LODEIRO, LODOEIRO: Santo (1989) escreve que Lodeiro vem de *ld ary* (prazeres dos vizinhos); *ld' ry* (prazeres a nu, prazeres a descoberto).

LADOEIRO: *leido* (pessoas -crianças/ queridos/ namorados- amadas) + *eiro* (nus e excitados).

LIDOEIRO: Santo (2015) diz que vem de *lido* (prole, filhos pequenos) + *eiro* (nus e excitados).

LEDOEIRO: o mesmo autor, afirma que vem de *leDHa* (dar à luz) + *eiro* (nus e excitados).

LADOEIRO significa pessoas/ namorados e crianças nus e excitados.

O local da Fonte Grande chama-se POÇO DA GOLLA, que vem de *g'l* (resgatar, redimir). Significa: local de pagamento de promessas, local de remissão de pecados. Face ao exposto, pode-se afirmar que, entre o século VI a.C. e I a.C., talvez até IV d.C., houve aqui um santuário dedicado ao deus Molok. (2017:70,72).

Mas porque vieram e se estabeleceram os Fenícios e, mais tarde, os Cartagineses, na Península Ibérica? Os Cartagineses, para se aliarem aos Lusitanos na luta contra os Romanos na Segunda Guerra Púnica (218 a.C. – 201 a.C.). Uns e outros para explorarem o ouro de aluvião de que eram férteis os rios peninsulares e minas do mesmo metal. Estrabão (63 a.C. – 24 d. C.) escreve dos rios peninsulares: «quase todos

são navegáveis e são os que mais areia aurífera possuem». (1992:80). Por seu lado, Henriques, Caninas, Carvalho e Chambino escrevem: no Rio Ponsul, da Munheca à Barroca da Castanheira, um troço de 19 Km, «podemos afirmar que a mancha de exploração mineira é praticamente ininterrupta variando a largura da faixa explorada entre 100 m. e 1.500 m. [...] Admite-se, de igual modo, que os sítios arqueológicos romanos, da Granja (Ladoeiro) e da Senhora de Mércules (Castelo Branco) estejam associados a esta área mineira, e um deles pode ter sido centro administrativo». (2016:1).

Anos antes, Henriques, Batata, Chambino, Caninas e Cunha escreveram que «nas margens dos rios Tejo, Erges, Aravil, Ponsul, Ocreza e de alguns dos seus afluentes são frequentes os vestígios de antigas explorações mineiras em depósitos cascalhentos aluviais e fluviais, ricos de blocos quartzíticos. Os metais extraídos (placer) foram o ouro e talvez o estanho [...] Segundo admitimos, com base em algumas evidências arqueológicas encontradas no terreno, pode ter sido os povos que habitaram esta região no final da Pré-História Recente que terão iniciado processo de “exploração” mineral de alguns destes terraços fluviais». (2010:2-3).

Não há pois dúvida da exploração aurífera por fenícios, cartagineses e, mais tarde, romanos. E em que língua se escrevia e falava? Sem dúvida, a língua dos fenícios e, mais tarde, dos cartagineses, um crioulo fenício, como há muito escreveu Santo (1993).

Pereira afirma: «Em 2014, uma escavação em Lisboa encontrou a prova definitiva: escreveu-se em fenício na fachada atlântica da Europa durante a Idade do Ferro». (2016:49)

Naves escreve que o arqueólogo Rui Cortes, que esteve ligado à criação do Museu da Escrita do Sudoeste, em 2007, afirma tratar-se de uma herança fenícia. Amílcar Guerra, e o responsável pelos conteúdos científicos do Museu da Escrita do Sudoeste diz que «A maior parte dos signos que usa são importados diretamente da grafia fenícia e depois há um pequeno conjunto que foi criado pelos seus inventores, num total de 27 símbolos». (2015:1).

Isto está correcto, pena é que não tenham dado importância a Santo (1993) e Almeida (2009), que já haviam decifrado várias estelas e colocado o fenício como a língua falada pelos nossos lusitanos.

5. Judeus, Cristãos-Novos e processos na Inquisição

O Ladoeiro, como toda a Beira Interior, teve muitas famílias judias, famílias de cristãos-novos. Poderão ser estudados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *on line*, os processos:

15/05/1753 - JOSEFA NUNES

Estatuto social: Parte de cristã-nova

Idade: 30 anos

Crime/Acusação: judaísmo

Naturalidade: Ladoeiro, termo de Idanha-a-Nova

Morada: Zebreira, bispado da Guarda

Pai: Manuel Lopes, "o Bicho", 1/2 cristão-novo, rendeiro, que foi dos terços.

Mãe: Clara Nunes, cristã-nova

Estado civil: casada

Cônjuge: Pedro Lopes, sapateiro

Data da prisão: 10/05/1753

Sentença: 19/05/1754. Confisco de bens, ir ao auto-da-fé, abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial a arbítrio, penitências espirituais.

Em 12/12/1749, a ré já se tinha apresentado

1712-06-06 a 1713-07-18 - JOÃO LOPES CALAÇA

Outras formas do nome: João Lopes Colaço

Estatuto social: cristão-novo

Idade: 45 anos

Crime/Acusação: judaísmo

Cargos, funções, actividades: jornaleiro

Naturalidade: Lisboa

Morada: Ladoeiro, bispado da Guarda

Pai: Diogo Lopes Penteado, sargento-mor de ordenança

Mãe: Mariana Franca

Estado civil: viúvo

Cônjuge: Francisca Lopes

Data da prisão: 28/07/1712

Sentença: auto-da-fé de 09/07/1713. Confisco de bens, abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial a arbítrio, penitências espirituais.

1629-01-18 a 1629-10-03 - CATARINA GONÇALVES

Estatuto social: 1/2 cristã-nova

Idade: 30 anos

Crime/Acusação: judaísmo

Naturalidade: Ladoeiro, termo de Idanha-a-Nova

Morada: Castelo Branco

Pai: António Rodrigues, cristão-velho

Mãe: Maria Gonçalves

Estado civil: viúva

Cônjuge: Francisco Lopes Brandão, "o Pisco", cristão-novo

Data da prisão: 12/02/1629

Sentença: auto-da-fé de 02/09/1629. Confisco de bens, abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial a arbítrio dos inquisidores, instrução na fé católica, penitências espirituais.

1745-06-30 a 1746-11-03 - ANA RODRIGUES

Estatuto social: cristã-nova

Idade: 30 anos

Crime/Acusação: judaísmo

Naturalidade: Ladoeiro, termo de Idanha a Nova

Morada: Vila de Monsanto

Pai: António Mendes, lavrador

Mãe: Brites Rodrigues

Estado civil: casada

Cônjuge: Sebastião Lopes Capote, ferrador

Data da prisão: 28/11/1745

Sentença: auto-da-fé de 16/10/1746. Confisco de bens, abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial a arbitrio, penitências espirituais.

1609-07-14 a 1611-08-01 - ISABEL FERNANDES

Estatuto social: cristã-velha

Idade: 33 anos

Crime/Acusação: bigamia

Naturalidade: Castelo Branco

Morada: Castelo Branco

Pai: Domingos Fernandes

Mãe: Domingas Fernandes

Estado civil: casada

Cônjuge: Domingos Baltazar, lavrador

Data da prisão: 29/10/1610

Sentença: auto-da-fé de 31/07/1611. Abjuração de leve suspeita na fé, degredada por cinco anos para o Brasil, faça vida marital com o primeiro marido, penas e penitências espirituais e pague as custas.

A ré casou segunda vez com Miguel Afonso, trabalhador natural de Palvarinho, termo de Castelo Branco, o primeiro marido era natural de Ladoeiro, termo de Idanha-a-Nova.

1715-09-16 a 1715-09-20 - FRANCISCO MARQUES

Outras formas do nome: Francisco Lopes

Estatuto social: parte de cristão-novo

Idade: 36 anos

Crime/Acusação: judaísmo

Cargos, funções, actividades: barbeiro

Naturalidade: Idanha-a-Nova

Morada: lugar do Ladoeiro

Pai: Francisco Lopes Penteado

Mãe: Catarina Marques

Estado civil: solteiro

Data da prisão: 16/09/1715

Sentença: auto-da-fé privado de 18/09/1715. Abjuração em forma, instrução na fé católica, penitências espirituais, pagamento de custas.

1726-09-07 a 1728-08-28 - JOÃO RODRIGUES MORÃO

Estatuto social: cristão-novo

Idade: 43 anos

Crime/Acusação: judaísmo

Cargos, funções, actividades: ferreiro

Naturalidade: Idanha-a-Nova

Morada: lugar do Ladoeiro, termo da Covilhã

Pai: João Rodrigues

Mãe: Maria do Valle

Estado civil: casado

Cônjuge: Branca Rodrigues

Data da prisão: 02/10/1726

Sentença: auto-da-fé de 25/07/1728. Abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial perpétuo, sem remissão, instrução na fé, penas e penitências espirituais.

Em 23/08/1728 o réu teve licença para ir para a Idanha-a-Nova.

1752-07-09 a 1752-08-01 - MANUEL MENDES DOURADO

Crime/Acusação: sacrilégio

Cargos, funções, actividades: tratante

Morada: Ladoeiro, Idanha-a-Nova

Estado civil: casado

Cônjuge: Guiomar Nunes

JOÃO NUNES

Outras formas do nome: de alcunha "Pancha"

Crime/Acusação: sacrilégio

Cargos, funções, actividades: oficial de barbeiro

Naturalidade: Idanha-a-Nova

Morada: Ladoeiro, Idanha-a-Nova

Estado civil: casado

Cônjuge: Maria Nunes Bonifa

MARIA NUNES BONIFA

Crime/Acusação: sacrilégio

Naturalidade: Monsanto

Morada: Ladoeiro, Idanha-a-Nova

Estado civil: casada

Cônjuge: João Nunes Pancho

MANUEL RODRIGUES PINHEIRO

Crime/Acusação: sacrilégio

Cargos, funções, actividades: tratante

Naturalidade: Castelo Branco

Morada: Ladoeiro, Idanha-a-Nova

Estado civil: casado

Cônjuge: Maria Nunes Pancha

MARIA NUNES PANCHA

Crime/Acusação: sacrilégio

Naturalidade: Idanha-a-Nova

Morada: Ladoeiro, Idanha-a-Nova

Estado civil: casada

Cônjuge: Manuel Rodrigues Pinheiro

ISABEL DOMINGAS PENTEADA

Crime/Acusação: sacrilégio

Naturalidade: Ladoeiro, Idanha-a-Nova
 Morada: Ladoeiro, Idanha-a-Nova
 Estado civil: casada
 Cônjuge: Manuel Domingues Brido, lavrador

ANTÓNIA FERNANDES

Crime/Acusação: sacrilégio
 Morada: Ladoeiro, Idanha-a-Nova
 Estado civil: casada
 Cônjuge: Manuel Peres Barreiro, lavrador

MANUEL LOURENÇO DOURADO

Crime/Acusação: sacrilégio
 Cargos, funções, actividades: foi taberneiro
 Morada: Ladoeiro, Idanha-a-Nova
 Estado civil: casado
 Cônjuge: Isabel Lopes Penteada.

Em 1926 é criada a Comunidade Israelita da Covilhã.

Estatutos, Artigo 1º:

«De conformidade com o Decreto nº 11.887 de 6 de Junho de 1926, é constituída a Comunidade Israelita da Covilhã com o fim de praticar a religião Israelita, fortalecer a Cultura Hebraica e dar assistência moral e, tanto quanto possível, material aos seus irmãos de fé».

Covilhã, 25 de Julho de 1929
 Manuel de Sousa Chicha
 João de Sousa Morão
 Francisco António da Cunha
 António Almeida Teixeira
 José Rodrigues Morão
 Manuel de Sousa Chicha Junior
 António da Cunha
 José de Sousa Chicha

Apresento excertos de dois processos dos vários disponíveis no portal da Torre do Tombo e que coloco na bibliografia. O primeiro diz respeito a uma denúncia contra

cristãos novos num acto levado a cabo na Ribeira do Monte do Rochão, em 28 de Junho de 1752:

M(ui)to l(lustr)es l(nquisidor)es

Da denunciação inclusa consta q(ue) os xx. Nn. Na
 Mesma confrontados, m(orad)ores do lugar do Ladoeiro, t(e)rm(o)
 Da Idanha a nova, em 28. De junho proximo passado
 A horas de almosso, achando se todos juntos no citio
 Da Rib(ei)ra do Rochão ao olival do Conde de S. Vic(en)te por
 occasião de hirem a huma pescaria, meterão em hu(m)a
 poça hu(m)a pouca de laã, e dentro hu(m)a imagem de Chris=
 to, despregado da Cruz, embrulhado em hu(m) pano de es=
 topa, e atado por fora co(m) hu(m)a volta de pescoço, q(ue)
 tem nas pontas hu(m)as fitas azuis uzadas, e tudo exis=
 te na mão do Com.ro Simão da Costa Moutoso, q(ue) tomou
 a denuncia, e por cima da d(i)ta laã pozerão hu(m) cobertor
 amarello, e continuadam(en)te he mandarão lançar
 auga fervendo em cima por hu(m) rapaz x.n., q(ue)
 a tirava de dous tachos, em q(ue) a tinhão posto ao
 lume p(ar)a o mesmo fim, desacato q(ue) foi visto, e
 observado p(e)los denunciantes, q(ue) p(e)la prova de tão
 exacrando delito devem ser inquiridas j(gu)lme(en)te
 por ordem deste tribunal, a q(ue)m pertence conhecer
 delle: e por isso

Reqero a um.ces mandem passar as or=
 dens n(o)vas p(ar)a serem perguntadas as t(o)das
 denunciantes, e as mais p(esso)as q(ue) souberem
 do referido facto, e do ajuntam(en)to q(ue) en=
 tão se fez, e do q(ue) resultar se me dé
 v(is)ta p(ar)a requerer o q(ue) for a bem da Just(iç)a.

E prezentado em Meza o Requerimento
 assim do Promotor para os Senhores
 Inquiridores se haverem de deferir
 de seu mandado E fiz
 Alexandre Henrique Arnaut

Facesse o que Requer
para que se passem as ordens necesas,
e do que resultar se lhe de vista
em Meza. 1º de Agosto de
1752.

(Assinaturas)

Luis Barata de Lima

M(ano)el Mareja(?) e Tavora

M(ui)to Ilustres S(enho)res Inquisidores

Anna Ramalha Solteira filha de Manoel
Jorge Semedo, e Sua Irmã Isabel Lopes casa-
da com Manoel Martins lavrador naturaes, e
ambas do Lugar de Ladoeiro termo
da V(il)la de Idanha Nova deste Bispado da Guarda
vierão perante mim delator. Que no dia Vin-
te, e outo do mês de Junho da Resente Era de
1752 no Citio da Ribeira do Rochão ao olival
de Conde de S(ão) Vicente serião horas de almoço
estando varios, e Cristaes Novos ne mesma ri-
b(ei)ra aonde forão a hu(m)a pescaria, virão, e resencearão
que junto á R(ibei)ra tinham hum cobertor de panno
amarello estendido, e duas caldeiras com agua
sobre o Lume, e as mulheres q(ue) lá estavam, Lan-
çavão agua sobre o cobertor, e indose todos p(ar)a
a pescaria p(ar)a outro citio da rib(ei)ra passarão todos
por cima do Cobertor, e deixarão hum rapas
q(ue) será Ban. filho de Marcos Simão do m(esm)o
lugar de Ladoeiro xx.nn. que continuava a deitar
agua sobre o cobertor. Estando o rapás só
naquele citio forão as pessoas Anna Ramalha
e Isabel Lopes buscar lume, e descobrindo o co-
bertor virão que debaixo estava hu(m)a peça
de lám, e querendo concertar-lhe a lám, disendo
ao rapas, que assim se não escaldava, acharão
dentro da lám a Imagem de hum crucifixo, sem
estar pregado em crus, mas envolto em hum pano
de estopa, atádo por fora com hu(m)a volta de pescoço

de pescoço, que têm hu(m)as fitas asuea ata-
das nas pontas, e a Imagem hé de pao,
encarnado, e com ambos os braços des-
prendidos de seu lugar: e nesta forma
me disseram a acharão, e ma trouxeram,
e a recolhi, e conservo em minha mão.
As pessoas que se achavão na d(it)a pescaria
e todas Cristãas Novas São as Seguintes.

Manoel Mendes Dourado tratante ca-
sádo com Guimar nunes, n(atur)al e mor(ad)or do
Lugar do Ladoeiro.

João Nunes Panela de oficial
de barbeiro casádo com M(ari)a Nunes Bo-
nifa n(atur)al de Idanha Nova, e mor(ad)ora no Ladoeiro.
Aprez(enta)do lá 11 Agosto 1749
Fo(lha) 248]

Maria Nunes Bonifa João Nu-
nes Penela, n(atur)al da V(il)la de Mon-
santoe mor(ad)ora no Ladoeiro.

[Reconhecido no Auto de 16.de 9.bro(novembro) de 1749.]

Manoel Rodrigues Pinheiro tratante, ca-
sádo com M(ari)a Nunes Panela, ou Chula
n(atur)al que da V(ill)la de Cas(tel)o Br(anc)o, e mor(ad)or no La-
doeiro.

Maria Nunes Panela, ou Chula
M(ano)el Roiz Pinheiro, n(atur)al da V(il)la de I(danh)a Nova,
e mor(ad)ora no Ladoeiro.

[Reconhecido no Auto de 16.de 9.bro(novembro) de 1749.]

Isabel Domingues Penteáda casada, n(atur)al
e mor(ad)ora no Ladoeiro.

Antonia Fernandes casáda com Manoel
Pires Barreiros Lavrador, n(atur)al e mor(ad)or no
Ladoeiro.

Manoel Lourenço Dourado, que foi taber-
Neiro, casádo com Isabel Lopes Penteádo
mor(ad)or no Ladoeiro.

Ponho na presença de o referido.

Cast(el)o br(anc)o.

9 de junho de 1752

Em 1758, o 6º Conde de São Vicente, de quem se fala neste processo, é Manuel Carlos da Cunha e Távora e detém o Morgado de Santa Eulália, a que pertence o Ladoeiro, desde o século XIII. Tem no Ladoeiro casa e forno na Rua do Alentejo, montado no Gramezinho e Rochão, pelo que lhe pagam 700\$000 anuais. Os moradores do Ladoeiro pagam-lhe 2 alqueires de trigo e 1/12 dos frutos colhidos, anualmente.

O segundo processo é sobre Josefa Nunes datado de 2 de Maio de 1753:

Jozefa Nunes:

1754

Processo de Jozefa Nunes X N

Casada com A(fons)o Çapat(ei)ro n(atur)al do lugar

Do Ladoeiro n(atur)al da Idanha a nova e m(orado)ra

No da Zebreira Bisp(a)do da Guarda

Ficou em L(i)x(boa)

Jozefa Nunes

Processo de Jozefa Nunes x n, cazada

Com Pedro Lopes

Preza aos 10 de Mayo de 1753

Auto de entrega

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Je
sus Christo de mil setecentos, e Sincoenta e

tres aos des dias do mês de Mayo em

Lisboa nos carceres de

cretos desta Inquisição aly foy entregue

ao alcaide dos mesmos Antonio Go

mês esteves pelo Capitaõ Francisco Mar

ques Goulao a presa Josefa Nunes, que

Veyo da Villa da Ribeira Bispado da

Guarda, e Sendo buscada na forma do Re

gimento, se lhe não achou cousa algu(m)a

e de como deste alcaide se deu por entregue

da dita presa --- termo que assignou

Francisco de Sousa o escreveu.

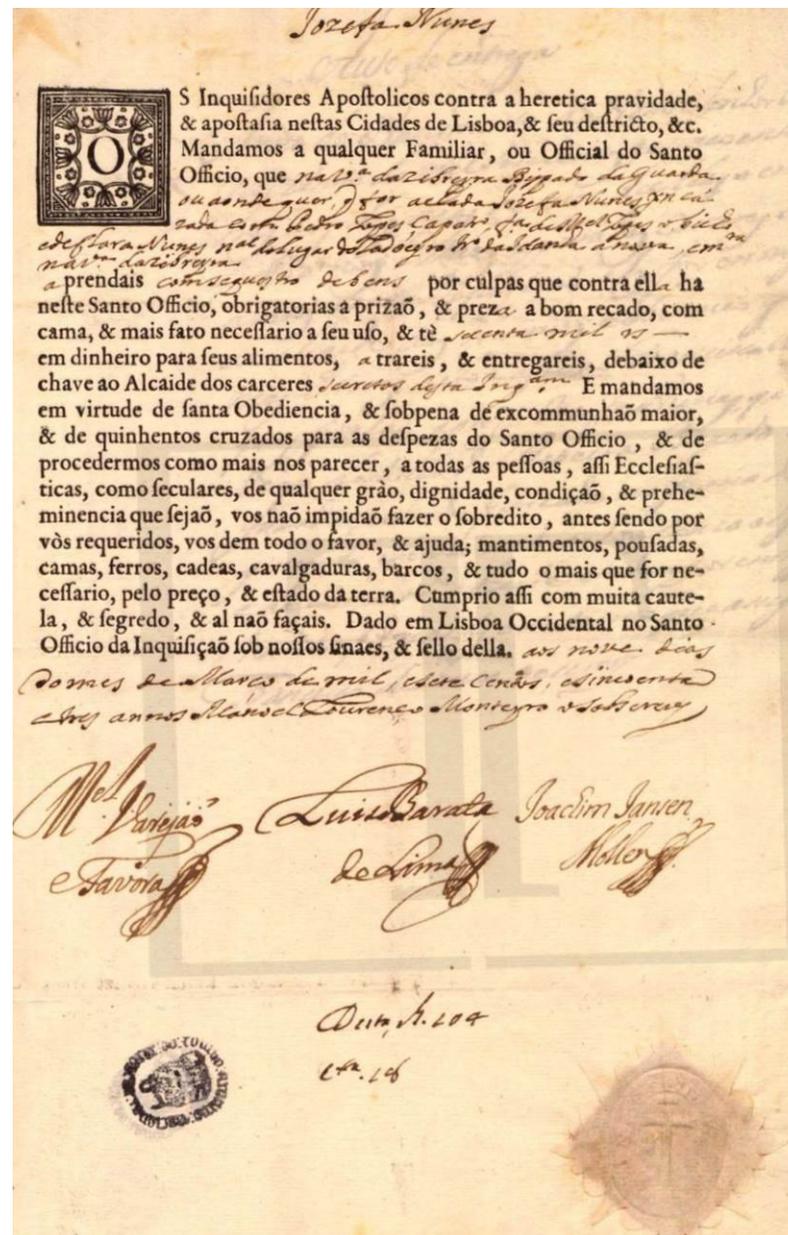


Figura 7. Processo de Josefa Nunes. Nota: O número de processos e de prisões é em tal número que os inquisidores utilizam já uma base impressa para todos os réus, conforme a página 5 deste processo.

6. Procissão dos Homens

Para o camponês, a aldeia é «a minha terra». «Terra», grande Mãe que o gerou e o irá receber no fim da vida. «Terra», espaço sagrado, que ele, integrado no colectivo, ritualmente delimita e toma posse, ao mesmo tempo que a aldeia e o colectivo aldeão se regenera, renasce.

A Procissão dos Homens, que se realiza nas Sextas-feiras da Quaresma, excepto na Sexta-Feira Santa, é um destes ritos processionais, um rito agrário, que pretende que todos ajudem no frutificar da semente. Compreende-se: se o trigo der palha, será a fome e a morte; se der boa espiga, será a fartura e a alegria. Por isso, todos são chamados a participar neste acto/riti vital. Os homens, desafiando a escuridão e o perigo da noite; as mulheres colocando na janela velas acessas em número igual aos habitantes da casa.

Não é correto dizer-se que a frutificação da semente é colocada na Quaresma, mas esta naquela. Muito antes de Cristo vir ao mundo já há milénios se realizavam estes rituais. O deus morre, morre a Natureza, no Inverno; o deus ressuscita, ressuscita a Natureza, na Primavera. É verdade com Cristo, como era verdade com Adónis ou Osíris.

Conforme Figura 8, a Quaresma é o domínio da noite, do sagrado negativo, da escuridão. O pentecostes é o domínio do Sol, da partilha, das festas do Pentecostes. Semelhante se passa com o dia, Figura 9.

Esta procissão também era chamada de «Procissão de Penitência» e estaria tão generalizada, pelo menos na Beira Interior, como generalizada era a agricultura. Nalgumas povoações chama-se «Procissão dos Penitentes», casos de Paul e Lavacolhos; noutras, outros nomes teria, mas sempre com o mesmo fim e significado próximos. O autor debruçou-se sobre este tema em 1994, percorrendo a região na procura destas procissões. À data, só havia a do Ladoeiro e a de Alcafozes, esta realizada apenas às vezes.

Os circuitos processionais agrários serão tão velhos quanto a agricultura, o que facilmente se compreende. Esta procissão, ou semelhante, já existiria no século IV d.C., século em que o Cristianismo passa a ter liberdade de culto, com Constantino, e a religião oficial do Império Romano com o imperador Teodósio. Ou, no mínimo, nos finais do século VI. Isto porque o canto é «canto chão», que já existiria no século IV ou, pelo menos, com Gregório Magno, século VI, que introduziu o «canto gregoriano», muitas vezes identificado como «canto chão». Em segundo lugar, porque a letra do Glória é «latim macarrónico», o que nos coloca num ou noutro século: «gloria et páter et filiô, et spiritu santô, et principi é et nunca et sempre, et séculórum, amén».

ANO AGRÍCOLA - RELIGIOSO

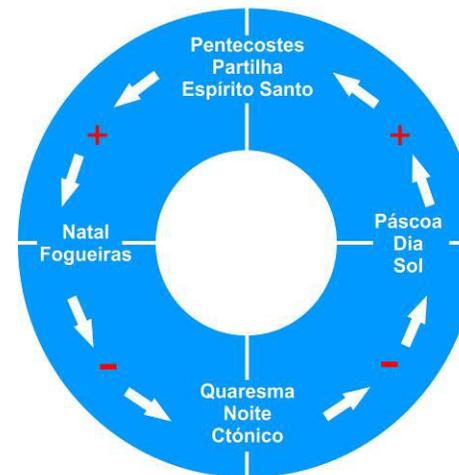


Figura 8. Ano agrícola-religioso.

DIA AGRÍCOLA - RELIGIOSO



Figura 9. Dia agro-religioso.

Ainda no século XVIII, estas procissões, à semelhança do que acontecia com a procissão de quinta-feira santa, ou Endoenças, participavam nela homens que se auto-flagelavam como penitência e esta característica de sacrifício, embora mais sublimado, manteve-se até há poucas décadas.

As procissões dos flagelantes existem há muitos séculos e tiveram maior repercussão em meados do século XIV, por causa da Peste Negra, que matou um terço da população europeia. Justificava-se tal, pois a morte estava próxima e era certa. A procissão dos flagelantes, que podia realizar em terra firme ou nos rios, está bem descrita em dois filmes, respectivamente: *Det sjunde inseglet (O Sétimo Selo)*, um filme sueco de 1956, escrito e dirigido por Ingmar Bergman e *Black Death (Morte Negra)*, de 2010, dirigido por Christopher Smith.

As Procissões de Flagelantes ficaram na toponímia. Santo (1989) escreve que Fazemão vem de *pzgmán* e significa flagelantes; Midões vem de *mid un, mid wn* e significa flagelantes, penitentes, doentes; Rio Porsim vem de *porsh'im* e significa flagelantes-ritual dos rios.

Por fim, neste processo em que todos são chamados para ajudar à frutificação da espiga, inserem-se/ inseriam-se outros rituais como a Encomendação das Almas, a Procissão das Trévoas e a Procissão dos Nus. Quando dizemos todos, são todos: homens, mulheres e crianças; deus e o diabo; os vivos e os mortos.

Como escreve Carvalho (1994), a Procissão das Trévoas realizava-se, extraordinariamente, embora com alguma frequência, às quintas-feiras da Quaresma, em sentido contrário no percurso processional e em passo de corrida, ambos sinais do Diabo. A última ter-se-á realizado por volta de 1930.

A Procissão dos Nus desenrolava-se no circuito processional, sentido positivo, saída pela direita da porta da igreja matriz, mas os seus participantes eram todas as crianças do Ladoeiro, 5 aos 10 anos, nuas, pela mão de alguém próximo, que não pai ou mãe, à noite e em pleno Inverno. Era uma procissão realizada excepcionalmente, em caso de anos seguidos de más colheitas ou outras «pestes». A última ter-se-á realizado por volta de 1910.

7. Brasão da Misericórdia

O Brasão da Misericórdia, muito bem delineado, visível na foto 4, ao fundo, à direita. O brasão foi executado numa pedra de granito, maior que ele, e ela incrustada na parede que segura a capela-mor. Este facto permite afirmar que o brasão é contemporâneo da capela e terá sido pertença e colocado pelo primeiro Provedor ou um dos primeiros.

Não tem qualquer relevo. Apresenta-se totalmente liso como se tivesse sido lixado, limado.

Acresce que em 1581 e 1588, o rei Filipe I, melhor, alguém na Corte em Lisboa, concedeu, em nome do rei, as ervagens do concelho por quatro mais quatro anos à Misericórdia para que, com o dinheiro da sua venda, pudesse ser erguida a Misericórdia. Tal, pressupõe que quem pediu tivesse bons conhecimentos na capital do Império, pois as ervagens rendiam/ renderam 20 mil réis anuais. O que dá, no total: 160 mil réis, uma fortuna. Para se perceber o valor, em 1758, cento e setenta anos depois, na memória paroquial, lê-se que a Misericórdia do Ladoeiro tem uma receita anual de 30 mil réis.

Estes três factos, apresentados por Carvalho (2017), leva o autor a dizer que é possível:

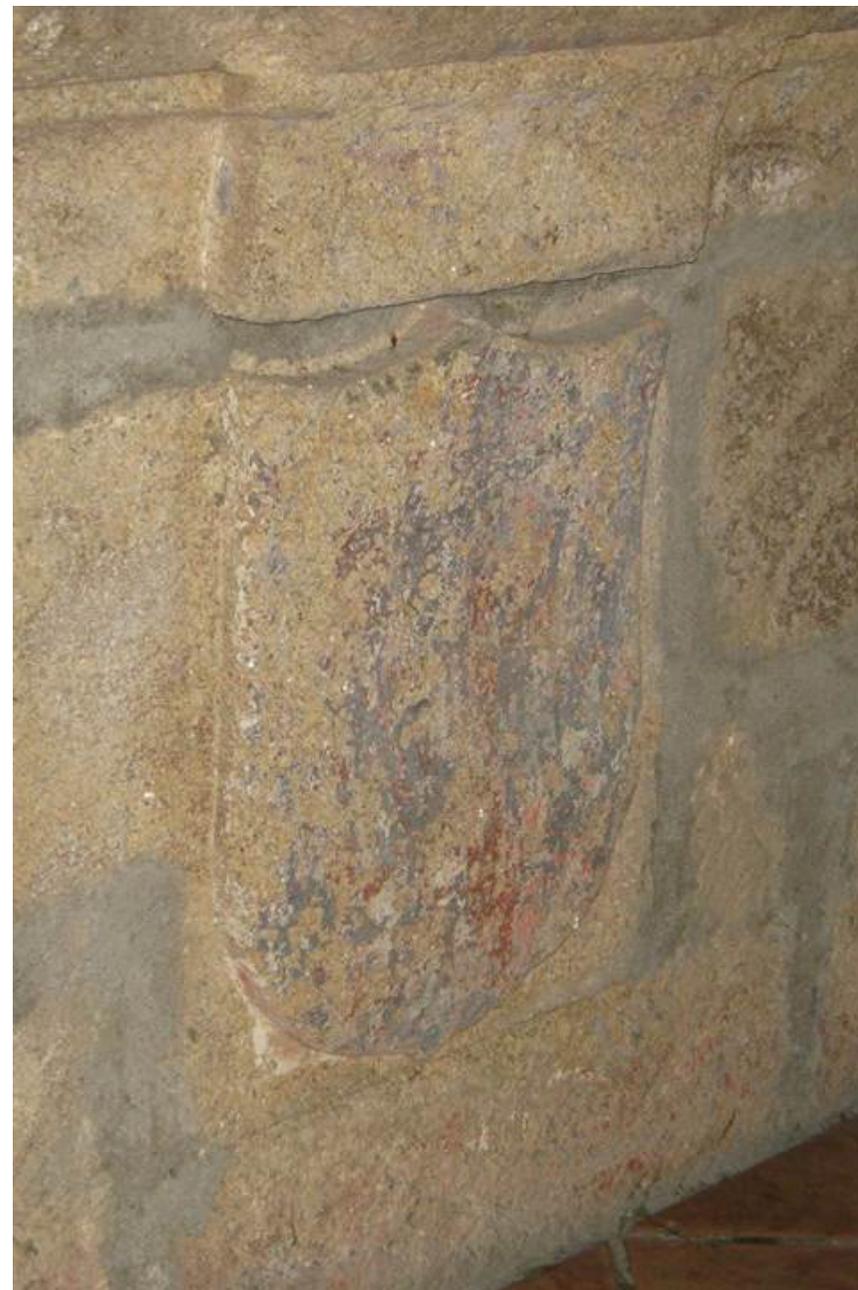


Figura 10. Brasão da Misericórdia. Foto de Joaquim Manuel Baptista, 2016.

(i) O brasão pertencer a um Provedor com muita influência na Corte; talvez mesmo um Provedor com ligação e ou partidário da causa espanhola.

(ii) Findo o período filipino, 3ª Dinastia, alguém, ou alguns, que odiassem o regime filipino, limassem o brasão de modo a não deixar qualquer vestígio desse período e desse Provedor.

São apenas conjecturas, mas parecem-me racionais e perpicazes.

8. As cores e o seu simbolismo na aldeia

8.1. Amarelo, a cor do divino imaculado e da mãe

O amarelo é ambivalente: pode indicar a crueldade e o cinismo (ao contrário do vermelho, que indica lealdade e honestidade), como pode indicar a condição de nobreza. Esta ambivalência faz do amarelo a mais divina das cores.

O amarelo é a dos deuses. É o raio de luz doirado e torna-se, por vezes, no caminho entre os homens e os deuses, como aparece em certos quadros na «Anunciação» da Virgem Maria anunciando a concepção imaculado por desejo divino. Intenso, violento e agudo até à estridência. O amarelo é a cor mais expansiva e mais quente, sendo impossível encerrá-la.

É a cor da eternidade e está também ligada ao mundo ctónico: é a cor da terra fértil e anunciadora da velhice, do declínio e da morte. Por fim, substitui o negro. O amarelo emerge do negro tal como a terra emerge das águas primordiais.

O amarelo aparece com duas grandes tonalidades: a doirada e a terrosa. O amarelo doirado é masculino, solar, nobre; é cor activa, projectiva e expansiva. O amarelo terroso, é fechado, introvertido, terra e feminino. Por isto é que o ocre amarelo era usado nas cozinhas da Beira Interior; porque é feminino e a cozinha, na cultura portuguesa, é o local feminino por excelência; mais do que em toda a casa, que é «sua», a mulher-mãe exerce o seu domínio gineocrático, ou matriarcal, de forma mais evidente na cozinha. Assim se compreende a afirmação generalizada entre os estudiosos das cores que o amarelo, usado nas cozinhas, favorece as reuniões familiares (foto 5). Atenção porém ao excesso do amarelo doirado, porque o ouro é silencioso e, quando e muita quantidade é monótono, que o diga um tal rei Midas.



Figura 11. Cozinha da casa de um lavrador. Ladoeiro, 1992.



Figura 12. O branco da pureza e o amarelo ocre, feminino. Idanha-a-Nova, 2013.

8.2. Branco, a cor pura, a cor iniciática

O branco simboliza a pureza, a inocência, o sagrado e o divino. É a cor das noivas, no último século e meio. É a cor dos vestidos dos baptizados, como a das fitas da primeira

comunhão e comunhão solene. É a cor da iniciação, do noviciado e das cerimónias de passagem, onde existe uma relação estreita entre a luz e a alegria. É a cor da espiritualidade e santidade, da verdade e da revelação, sendo por isso usado pelos sacerdotes.



Figura 13. A brancura do casario. Segura, 2013.

No mundo animal tem na pomba branca o símbolo da paz e no mundo vegetal tem no lírio branco a castidade. Possui também conotações negativas: frieza, medo, covardia, palidez de morte. Assim se compreende que seja a cor tanto do nascimento como da morte, dependendo das culturas. É a cor do Este e do Oeste. O branco é a cor da passagem e do candidato (*candidus*). É a cor do iniciado, na aceção diurna, aproximando-se do ouro.

8.3. O cinzento

O cinzento é uma cor que simboliza maturidade, mas também tristeza, incerteza ou neutralidade. O céu cinzento é céu monótono, precursor de meu tempo. O cinzento simboliza luto suavizado, além do que é a cor do nevoeiro e do triste tempo cinzento.

8.4. Verde, a cor da natureza, mãe e regeneradora

Símbolo positivo, daí o seu uso nos semáforos como «avançar». Universalmente ligado à vida vegetal, à renovação da Primavera, à juventude, à frescura, à fertilidade e à

esperança. O verde esmeralda é emblema cristão de fé. É a cor mais importante no Islão e era a cor do Profeta.

O verde é valor mediador entre o amarelo celeste e o vermelho infernal. O verde é a cor do equilíbrio entre duas cores diametralmente opostas, casos do azul e do amarelo. A adição de amarelo ao verde torna este mais activo, torna-o verde mais jovem e alegre. É uma cor refrescante, tranquilizante, *humana*. O verde é a cor do reino vegetal e da água, como o vermelho é a cor do fogo; por isso o homem sempre se sentiu bem no verde. O verde tem um valor mítico que é o dos paraísos verdes dos amores infantis. É também a cor da regeneração e, por isso, a cruz na Idade Média era pintada de verde.

Verde é a cor da mulher grávida, do futuro e do imprevisto; cor da arte. Cor macia e terna. Nos rituais pagãos, era a cor da iniciação. É a cor do desvendar dos mistérios.

A terapia diz que o verde é a Cor da harmonia e equilíbrio. É vista como cor terapêutica, daí o seu uso nas farmácias.



Figura 14. O casario branco e o verde luxuriante primaveril. Soalheiras, 2013.

8.5. Rosa, a cor do feminino e da fragilidade

O rosa é uma cor suave e, no Ocidente, é uma cor das mulheres. No Oriente também, a crer nos personagens dos desenhos animados japoneses, onde os cabelos cor-de-rosa

estão reservados a personagens femininas frágeis, sensíveis e pouco violentos. A rosa, e a cor-de-rosa, são a hipóstase da mulher.

As festeiras, ou mordomas, de Santa Catarina, 2017, levaram vestido vermelho e casaco branco, e levam a bandeira da santa, em rosa; um homem, na mesma procissão, leva a bandeira da Santa, em vermelho.



Figura 15. Procissão da romaria de Santa Catarina. Ladoeiro, 2017.

8.6. A História do vermelho

A tríade cromática mais antiga e famosa, escreve Zahan (1990), é preto/branco/vermelho seja no Mundo Antigo Ocidental, seja na Malásia (pelos aborígenes australianos), seja para alguns índios da América do Norte, seja, sobretudo, na África Negra. No que diz respeito à China, continua o autor, foram estas três cores que restaram das denominações das fronteiras do seu vasto império: Mar Vermelho, Mar Branco e Mar Negro.

A hipótese de Zahan é que no grande espaço de mil anos que vai do século VI a.C. a IV d.C., durante o qual a humanidade se teria lentamente começado a orientar no sentido

de uma policromia generalizada. Neste milénio, passou-se de três termos que designam o violácio, o verde-amarelado e o vermelho, para seis: violácio, azul-anilado, verde, amarelo, alaranjado e vermelho. A separação entre o azul e o anilado ainda não fora realizada, enquanto o verde e amarelo, e o amarelo e o alaranjado, foram, durante algum tempo, designados pelo mesmo termo. (1990:97-98).

O vermelho é a cor das superfícies vitais para o homem: o sangue, o sol da aurora e do poente, o fogo. Para além disso, e embora não sabendo biologia ou fisiologia, a tradição popular diz que «o vermelho atrai»; na verdade, a sensibilidade retiniana central está particularmente associada ao vermelho.

O vermelho, afirma Zahan (1990), é cor de fogo, cor de sangue; o vermelho é universalmente considerado o símbolo fundamental do princípio de vida. É ambivalente e todas as culturas o notaram: vermelho claro, brilhante, centrífugo, diurno, masculino, tónico incitando à acção, sedutor, provocador, encorajador, é o vermelho dos cartazes, das insígnias, das bandeiras; e vermelho escuro é secreto e sagrado, escondido no fundo das trevas e dos oceanos primordiais, cor da alma e da líbido, do coração, matricial, só visível no decurso da morte iniciática.

Vermelho é símbolo de vida, de fogo e de sangue. O vermelho manifesta, pois, vida intensa e até liderança; é impulsivo, é aidez e força de vontade, no que se opõe ao verde. O vermelho alaranjado significa o desejo, todas as formas de apetite e ânsia insaciável.

O vermelho é a cor preferida da maioria das pessoas. Na cultura popular, é a cor do amor, associada à rosa, mas também a cor da vida e da ira. Proporciona energia, potência e sensualidade. O vermelho pode desencadear na pessoa uma vibração interior como se fosse fogo, pois o vermelho é também a cor deste. Não será por acaso que os clubes que equipam de vermelhos são/ têm sido dos que têm mais adeptos, mesmo quando não ganham troféus, tal como na escuderia da Ferrari. Nalgumas tradições agrárias, faziam-se bonecos de molhos de trigo com cabeça preta e lábios vermelhos, as cores mágico-simbólicas do órgão feminino. Não será por acaso que no universal conto da Branca de Neve esta se apresenta com o cabelo negro como o ébano, lábios vermelhos como o sangue e a pele branca como a neve; a brancura que realça o vermelho e o preto.



Figura 16. Bandeira vermelha do Espírito Santo, na procissão de Santa Catarina. Ladoeiro, 2017

8.7. Azul, a cor da hierogamia, do casamento do Céu com a Terra

Na tradição judaica está ligada à misericórdia e no Budismo à sabedoria. Nas tradições populares europeias, representa a fidelidade. Nalgumas regiões da China, a erudição e o casamento feliz.

O azul é a mais profunda e a mais imaterial das cores: nele o olhar penetra sem encontrar obstáculos e a natureza apresenta-o transparente. O azul manifesta, como o vermelho e o ocre amarelo, as hierogamias ou a rivalidade (ou casamento) entre o céu e a terra: azul claro, no cimo; azul escuro no fundo. O azul indica calma total. É a cor da tranquilidade, do contentamento; é requisito prévio da empatia, bem como para a

experiência estética e consciência meditativa. É a cor do temperamento calmo. É doçura, é ternura.

O azul e o branco, cores marianas, simbolizam o desprendimento em relação aos valores mundanos e a libertação da alma em direcção a Deus. O azul profundo projecta o homem para o infinito, desperta-lhe o desejo de pureza e uma sede sobrenatural. É doçura. É ternura. Azul é a cor da justiça, da abastança, da perseverança, da nobreza, da vigilância. O azul é a cor da formosura e da lealdade.



Figura 17. Senhor dos Passos vestido de azul, fora dos dias da Quaresma. Penha Garcia, 1995.

8.8. Violeta ou roxo, a cor da entrega e da delicadeza

Significa realeza e dignidade no mundo antigo. Era usado pelos sumo-sacerdotes, magistrados, chefes militares e imperadores romanos. Escreve Kandinsky, que grinaldas de violetas eram flores de memória em Roma e usavam-nas nos banquetes para

refrescar a testa. Dá uma sensação de intimidade no ambiente. Talvez pelas duas razões anteriores, os filhos dos imperadores bizantinos nasciam num quarto com cortinas roxas.

O violeta, continua o autor, está também ligada a uma mudança do activo para o passivo, do masculino para o feminino, da vida para a morte. Isto porque o violeta resulta da mistura do vermelho (paixão, fogo, terra) e azul (intelecto, água, céu). Isto explica que, nalgumas pinturas, Maria e Jesus usam mantos violeta na Paixão e na Adoração. Na verdade, o violeta, no horizonte vital, opõe-se ao verde, porquanto não significa evolução, antes involução, isto é, passagem outonal para a morte. O violeta é «um vermelho arrefecido, no sentido físico e psíquico do termo. Existe algo nele de doentio, de extinto, de triste». (1954:84,86,88-89). O violeta, no horizonte vital, opõe-se ao verde, porquanto não significa evolução, antes involução, isto é, passagem outonal para a morte. Consequência tardia deste simbolismo, o Ocidente transformou o violeta em cor do pré-luto, o que mais ainda evoca a morte em passagem.

Por fim, o violeta é cor de apaziguamento, porquanto adoça o ardor do vermelho. Unifica vermelho e o azul, a conquista impulsiva e a entrega delicada. Pode significar união íntima ou erótica. É possível ser uma cor preferida de pessoas mental e emocionalmente imaturas, bem como dos homossexuais.

9. Mentalidades

No século XX, na continuidade de séculos anteriores, como são vistos os ladoeirenses?

Dias escreve que «entre os rios Aravil e Ponsul, em campo bem aberto onde o Sol vagueia sem o obstáculo de grandes montes ou altas serras, vive agarrada ao chão, sumida na alvura do horizonte, a pequena mas feracíssima [fertilíssima] povoação do Ladoeiro.

Em pleno contraste com a claridade do Sol, os moradores, consequência talvez da inclemência do clima, ardências insuportáveis no Verão e rigorosos temporais no Inverno, são tristes.

E nascem, criam-se, vivem e morrem - quantos deles! – sem terem passado além de Idanha-a-Nova ou de Castelo Branco, para lá do Tejo ou da raia». (1929:55).

O médico António Pina Gonçalves, que viveu no Ladoeiro quase meio século, de 1947 a 1992, dos seus primeiros contactos com a população local, escreveu: «que felizes são

os habitantes da aldeia! Era o comentário lógico que me despertara aquela atmosfera impregnada de paz e alegria [...] Que bom era viver na aldeia!». Porto (1981:42-43).

Porém, anos mais tarde, Porto pensa de modo bem diferente: «conhecia já o temperamento vingativo dos habitantes da aldeia e conhecia, também, a existência de uma complicada rede de inimizades, que só uma longa permanência e um aturado convívio podiam destrinçar completamente [...] Amizades, a bem dizer, não havia. Os aldeões só eram amigos de eles próprios: eram frios e calculistas, condicionavam as suas simpatias à conveniência momentânea dos seus interesses [...] Consideravam sempre, como primordial, o argumento económico». (1981:87,88,89). É interessante que este médico, profundamente pró-germânico e anti-comunista, termine o seu comentário com uma afirmação bem dentro da doutrina económico-social de Karl Marx.

Ficamos a saber que os ladoeirenses são pessoas tristes, que trabalham terras férteis e o clima tem uma terrível amplitude: gelado no Inverno; inferno no Verão. Dias (1929) tem razão quanto ao clima, ainda que, desde 1955, no Verão, o calor seja um pouco esbatido em virtude do fresco do regadio. Não tem razão quanto à fertilidade dos campos pois que, exceptuando os campos da Várzea, os terrenos do concelho são de quarta e última categoria.

Quanto à tristeza, de que fala o autor, talvez esta se confunda com a frieza, calculismo e interesseirismo de que fala Porto. Em último caso, diz este autor, os ladoeirenses optam sempre pelo superior interesse económico. Na verdade, estes aldeões têm muito orgulho nos seus haveres, terras ou «sortes» e casa ou casinha. Falavam do doutor como se este fosse inferior, pois nem uma «casinha tem para morar». (1981:90).

A emigração da década de 1960, a par do regadio, da guerra colonial e da industrialização de Lisboa, que trouxeram mais riqueza e outros modos de pensar, outras culturas e contactos, vieram mudar um pouco esta mentalidade. Escreve Porto que «a minha aldeia despovoou-se. Alguns venderam por dez réis ricas propriedades, cultivadas com amor por seus maiores, só para poderem fugir também [...] todos abandonavam sem mágoa nem saudades o que tanto suor tinha custado aos seus antepassados». (1981:227). Contudo, os primeiros dinheiros ganhos em França, Luxemburgo e Alemanha, principalmente, são empregues na compra de terra e casa. Algumas vezes, compraram aos mais ricos da aldeia, alguns que foram seus patrões. Talvez a mentalidade não tenha mudado muito!

10. Linguagem

Jaime Lopes Dias (1940:308-378) recolhe cerca de 1.500 palavras e expressões, algumas repetidas, da linguagem popular e o seu significado. No seguimento de material já publicado sobre a origem fenícia de centenas de palavras do Concelho de Idanha-a-Nova, e Beira Interior, apresento alguns exemplos do que afirmo.

ABEIRO – Chapéu de abas largas. Almeida (2013) escreve que *aba* vem de *aba* (palio, alpendre; isto é, cobertura). Próximas estão *owb* (aôbe), significa obscurecer, e *owp* (aôpe), significa cobrir com trevas, desaparecer.

ACAREAR – Guardar, recolher. Acareia lá a roupa! Almeida diz vir de *a+qrh+ar*. *Qrh* (carê) significa encontrar; *qhrh* ou *qrh* (cârâ) significa encontrar, deixar-se ver e cara; *qri* e *qry* que significam encontro e encontrar-se com.

ALÇA / ALÇAR – Dizem para os animais levantarem as patas. Almeida (2013) diz que vem de *olh osh* (âläâssâ), que significa fazer subir.

ALTOR – Tem uma tal Altura! Seguindo Santo (1993), vem de *al/el* (árvore majestosa, coluna, poste) + *tôr* (montanha). Significa coluna, poste do tamanho de uma montanha.

AMANHAR-SE – Preparar-se, vestir-se. A palavra amanhar, que também se usar para o trabalho das terras, vem da ideia fenícia *amn* (omon) ou *amôn* (amon), que significa artesão, escreve Almeida (2013). Do substantivo, se criou o verbo.

AMOJO – Úbere de animal que dá leite. Almeida diz que amojar vem de *msh* (maghê), que significa tirar, puxar para fora; de *mss* (masse), que significa mamar, sorver; ou de *msy* (massi), que significa sorver, absorver.

ARRAIAL – Casas e cabanas, no campo, geralmente em coutos, onde se recolhe os gados e os ganhões. Este arraial não sei a sua origem. Aproveito para indicar os outros. Santo (1988) escreve que arraial vem de *harr al* (monte sobranceiro); Santo (1989) escreve que Arraial, festa aldeã, vem de *ah r' ly* (fraternidade de parentes/congéneres/vizinhos); Arraial de «arraial, arraial por el-rei de Portugal» vem de *ahr ah 'l* (atrás irmãos com ele), de *ahr' 'l* (irmãos, companheiros levantemo-lo).

Almeida (2013) escreve que arraial vem de *haraïou* (âaraiôu) que significa gritar, berrar, clamar, emitir brado de guerra, convocar às armas, aclamar. Esta palavra, em fenício, continua, também se usou *rwo* (raiôu) pelo que, no português antigo, arraial e real aparecem associadas.

ASSANHAR e DISPUTAR – Disputa entre ranchos da azeitona. Almeida (2013) diz que a portuguesa sanha vem de *sna* (sana), que significa odiar, abominar. Também é costume dizer que os gatos estão assanhados.

ATAFONA – Aparelho de moer cereais. Almeida (2013) cita o cardeal Saraiva e escreve que vem do hebraico *thn* (tafn), de *thnh* (tafnâ) ou de *thôn* (tafôn) que significam moer, moinho e mó.

ATAZANAR – Almeida escreve que atazanar ou atezanar vem de tazanar. O radical *twh* (teâ) significa entristecer, molestar e em *snh* (sanâ) que é repetir, fazer de novo. Portanto, continua, *twhsnâ* (teâsanâ) evoluiu para atazana. Ainda se diz «estás a atazanar-me o juízo».

BADALHOCA – Porcaria que pende da lã das ovelhas. Almeida diz que vem de *bl dwh* (mal, sem, lavar, enxaguar). Portanto, *bl dwh* (baladôco) terá evoluído para *bdlwh* (badalôco) e para o português badalhoco, que significa sujo, mal lavado.

BULIR – Mexer. Almeida diz que vem de *b'l* (bôle), *bhl* (bale), *bol* (bôle) e *pol* (pôle). Todas as palavras estão relacionadas com trabalhar, fazer.

BURRA – Troça ou surriada que fazem os malhadores quando não acertam a pancada. Almeida (2013) escreve que burro (estúpido) vem de *bor* (baar), que significa estúpido, ignorante. Há uma evolução fonética convergente continua, entre *buru* e *bor*.

CACHAÇO – Pescoço. Almeida escreve que vem de *qss* (qasse) ou (qassasse), que significa decepar.

CALETE – Terra de má qualidade. Seguindo Santo (1993), vem de *qlt* que significa defeituoso; abominação, desprezo; humilhação.

CANADA – Unidade de medida. Canada, Cantil, Cântaro devem ter origem, diz Almeida (2013), em *tkn* (takana), que passou a *knt* (kanata) e significa unidade de medida.

CARAPUÇA – Carapuça, barrete de lã de formato cónico ou afunilado. Almeida (2013) diz que vem de *côbo* + *rws* = *côborws* (côpârôcha), que significa, à letra, capacete do pobre. Genericamente, significa proteção para a cabeça do pobre.

NO DIA DE SÃO SEREJO, o mesmo que «no dia de são nunca à tarde». Santo aponta 24 origens, como sempre, com significados próximos. Destaco *srg* (embrulhar, enganar), *sr hs* (insidia de andar depressa), *srit* (a mentir estar), *srr it* (a ocultar estar). (1989, p. 125).

POIAL – Lugar onde assentam os tabuleiros no forno. Almeida afirma que vem de *boh* (pôê), que significa formar barriga, formar saliência; aqui é completado com *ol* (â), que significa por cima de. Formar saliência por cima de.

QUARTEL – Morada, residência. Almeida (2013) escreve que quartel e quadrilha contêm o radical *qôh*, que significa esperar, aguardar ansiosamente, aguardar em emboscada. O termo *redu* significa soldados e *tl* significa colina, outeiro. Assim, *qôhredutl* (qôâretele), que significa colina dos soldados a esperar. Esta é origem mais apropriada para o quartel da tropa. Aqui, terá havido uma evolução semântica de quartel, habitação de soldados, habitação, residência.

QUEIMADO – Poia tirada para a lenha que se queima no lagar. O nosso queimar, diz Almeida (2013), vem de *qamu* (qame), que significa queimar, flamejar. O cremar e crematório virá do latim *cremare*, mas a comida queimada popular vem do fenício.

RABO – Restos, rabeiras, sementes ruins... que saem dos cereais nas eiras. Este sair tem a ideia de rabo! Almeida escreve que rabo vem da ideia de ser grande, aumentar, e deve vir de *rabu* ou *rb*, que significam exactamente ser grande.

SACAR – Puxar, rapar. Sacou da navalha e espetou-lha. Almeida (2013) escreve que sacar (tirar) vem de *sq* (saqa), que significa agarrar, tirar.

SAFRA / FREGA – Período da colheita da azeitona. Almeida (2013) escreve que vem de *sbr* (safara), que significa amontoar; ou de *sbl* (safala), que significa carregar, levar e ser uma referência a colheita.

TALHA, TALHA DA BEIRA – Pote, Cântara, Pote grande. Almeida escreve que vem de *tallu* (talle), que significa vaso.

11. A casa da aldeia: a cantareira e o bostear

O piso térreo das casas do Ladoeiro era bosteadado. Vivi na casa de meus pais, que o teve até 1976. As fotos que apresentam o chão bosteadado são de 1991. Na minha investigação para o doutoramento, não vi casa com o piso bosteadado nas outras aldeias do concelho de Idanha-a-Nova. Porém, não era este um motivo de investigação, pelo que poderia haver. Na única vez que procurei foi na Zebreira e garantiram-me que nunca tal uso ali existiu. Mas não era verdade. Este acto estava generalizado no Concelho. Contudo, começa a «parecer mal» ter merda de vaca na casa, pelo que se nega tal uso.

Ser uma boa dona de casa também era saber escolher qual a bosta adequada. Depois de diluída em água, era espalhada no chão térreo com a vassoura e ficava o chão como se fosse pintado de dourado, não cheirava a nada e era um óptimo revestimento quer contra o frio do Inverno, quer contra o calor do Verão.

Lembro que a mulher ia buscar «bosta de vaca», não «merda de vaca» e não «bosta de boi». Não se diz merda, por ser ofensivo, tipo «és uma merda», «vai à merda». Não se diz boi, mas vaca, pois a casa é feminino, por excelência, o lugar da mulher.

Porto, quando viu o bosteadado de uma casa pela primeira vez, diz que teve «vontade de fugir». (1981:166). Terá vindo este costume da Índia? Questiona ele.

Embora a vaca seja tratada como animal sagrado, na Índia, não o é em Portugal, e não parece que o costume de bostear o piso térreo tenha existido ou exista na Índia. A utilização experimental deste cimento, por parte da mulher, terá conduzido a este costume.

A cantareira era a montra que dizia da riqueza da família e da qualidade das mãos da mulher. Mal se abria a porta de entrada se dava com ela, em frente. Às vezes, cortavam-se folhas de jornais, em triângulos e colocavam-se dependurados de cada divisória como se fosse um pano de renda.

A propósito da cantareira, Dias diz que serve para guardar as loiças de barro, de arame e estanho, bem como para os copos, ou cálices, para o vinho e aguardente. No piso térreo, como mostram as fotos, estão os alguidares maiores, geralmente usados na matança do porco e as vassouras. Nos outros pisos, os pratos mais vistosos, copos e garrafas e o mais necessário para as refeições. Na última divisória, ao centro, ou próximo, a imagem do santo ou santos preferidos da família. A terminar, escreve o autor que as cantareira constituem uma «exposição permanente de arte e bom gosto, e ajudam a comodidade da dona de casa, pela arrumação e protecção dos elementos indispensáveis ao serviço da alimentação da família». (1970:26).

Como escreve Porto (1981), a cantareira dava luz e cor à sala. A primeira vez que o médico entrou numa casa do Ladoeiro e viu a cantareira pensou tratar-se do mostruário da indústria artesanal. Antes era o mostruário da riqueza, ou pobreza, da louçaria da casa. Hoje colocamos a louça em armários fechados. É o que deu a generalização e banalização da louça para o serviço da casa. Mas há cinquenta anos, poucas eram as peças de louça, ou os talheres, existentes na maioria das casas da aldeia. A faca generalizou-se tardiamente, tal como o talher, as três peças (faca, colher e garfo). Fui criado a comer da bacia colocada ao centro de uma pequena mesa donde, os quatro,

tirávamos colheradas de sopa ou outro alimento. Quando, no campo, não havia colheres suficientes, fazia-se colher retirando o miolo da côdea de pão de um dos seus lados.



Figura 18. Cantareira e piso bosteado na casa de lavradores. Ladoeiro, 1991.



Figura 19. Cantareira e piso bosteado na casa de lavradores. A divisão da esquerda que serve de arrumações, o quarto de dormir, à direita, e «renda dos noivos». Ladoeiro, 1991.

13. O Anjo Custódio de Portugal e o Anjo da Guarda na religião popular

O Anjo Custódio, que é o que tem a custódia, é tutor, é o anjo guarda de Portugal correspondente aos anjos de guarda individuais, cuja estampa está(va) generalizada pelo país. O culto do Anjo da Guarda, escreve Gandra, «radica na crença primeva e universal de que todos os seres humanos são assistidos pessoal e vitaliciamente por *daimones* ou génios protectores (equivalentes aos *jinn* corânicos), o mesmo sendo admissível dos lugares, bem como das nações». (2012:1). O que se sabe dos Anjos?

A palavra anjo vem do termo grego *angelos* que significa "Mensageiro". A palavra hebraica para anjo é *Malakl*, que, igualmente, significa "Mensageiro". Os egípcios terão explicado amplamente e com detalhes os anjos, mas tudo terá sido perdido numa das fogueiras da biblioteca de Alexandria, uma delas por parte dos cristãos.

Referências aos anjos aparecem tanto no Antigo como no Novo Testamento e sempre como mensageiros e guardas. Exemplo de guarda, depois do pecado de Adão e Eva, Deus «colocou ao oriente do jardim do Éden Querubins armados de uma espada flamejante para guardar o caminho da árvore da vida». (Gn, 3, 24). De guarda/protecção, «o Anjo do Senhor encontrando-a no deserto junto de uma fonte que está no caminho de Sur, disse-lhe: Agar [...] multiplicarei a tua posteridade de tal forma, que se não poderá contar». (Gn 16, 7-10). Outros exemplos: «Eis que eu envio um anjo diante de ti, para que te guarde pelo caminho, e te leve ao lugar que te tenho preparado». Ex 23,20). «O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem, e os livra». (Sl 34,7). Um anjo, um homem: «na ressurreição, os homens não terão mulheres, nem as mulheres maridos; mas serão como os anjos de Deus no céu». (Mt, 22, 30).

No *Auto da Alma*, Gil Vicente coloca na boca da Alma, acompanhada do Anjo Custódio: «Anjo que sois minha guarda, olhai por minha fraqueza terreal! de toda a parte haja resguarda, que não arda a minha preciosa riqueza principal. Cercai-me sempre ò redor porque vou mui temerosa de contenda. Ó precioso defensor meu favor! Vossa espada lumiosa me defenda! Tende sempre mão em mim, porque hei medo de empear, e de cair». (2012).

Mas a relação entre anjos e humanos terá sido bem mais profunda, o que explica a permanência, do que dizem os livros canónicos. Lê-se que «os filhos de deus viram que as filhas dos homens eram belas e escolheram esposas entre elas». (Gn 6, 2). Estes filhos de Deus são anjos: «E quando os anjos, os filhos do Céu, as virem, por elas se apaixonarão e dirão uns aos outros: escolhamos mulheres da espécie dos homens e tenhamos com elas filhos [...] E ensinaram-lhes a feitiçaria, os encantamentos e as propriedades das raízes e das árvores». (Henoch 7, 2; 10).

A auréola, que circunda a cabeça dos anjos é de origem oriental e, no Egipto, foi atributo de Rá; na Grécia, de Apolo. Em 787 dogmatizou-se a existência dos arcanjos Miguel, Uriel, Gabriel e Rafael. No *Livro de Henoch*, (19, 1-7), os anjos que velam pelos humanos, cada qual com seu atributo, como os santos, são Uriel, Rafael, Raguel, Miguel, Sarakiel e Gabriel.

Um quadro muito espalhado pelas casas da Beira Interior, e de todo o país rural, é como o da figura 20. Um anjo, de vestuário, aspecto e face afeminados, junto a um abismo, protege duas crianças que, inocentes, apanham flores (ela) e borboletas (ele). O par é apresentado por referência cultural a ter filhos de ambos os sexos e por haver diferenciação cultural sexual quer nos gostos de brincadeiras e brinquedos, quer nos trabalhos e vestuário. O anjo da guarda é individual. Além da protecção ao longo da vida, responde connosco no final dela.



Figura 20. Anjo da guarda, da custódia, da protecção. Retirado de <http://cleofas.com.br/02-de-outubro-dia-do-anjo-da-guarda/>

Na figura 21 está (um)a oração ao Anjo da Guarda, a permanência milenar de uma crença. Onde se lê «ilumina» deve-se entender «seja a minha luz, o meu guia». Persiste a ligação do homem, do ser vivente, a uma luz, a uma estrela que, quando aquele morre, esta se apaga. A linguagem é a expressão da cultura; por isso se entende quando se diz de alguém que morreu, «apagou-se». Iguamente persiste a ligação dos anjos a deus que, por ninguém saber, ou poder saber, o seu nome, entre outras designações, é «senhor», «anjo do senhor».

Custódio/ Custódia/ Tutoria/ Guarda é o nome (função) do anjo que, colocado à cabeceira do quase defunto, esgrime argumentos com o Diabo para salvar a alma do paciente. São as célebres e universais, pelo menos, na Península Ibérica, as 12 ou 13 (de acordo com as versões) palavras ditas e (re) tornadas. Só podiam ser ditas na situação prevista. Seria diabólico, desafiador do divino, com o conseqüente castigo, utilizá-las noutra situação. Também, quem as iniciava tinha de terminá-las sem se enganar.

Eis uma versão recolhida na Beira Interior, pelo autor e é em tudo semelhante à recolhida por Maria Clara (2010) ou à recolhida por Jaime Lopes Dias (1929):

- Custódio, amigo meu. Custódio, sim; amigo não.
- Diz-me as treze palavras ditas e tornadas.
- Digo.
- Diz-me a primeira.
- A primeira é a Casa Santa de Jerusalém, onde Cristo, Senhor Nosso, morreu por nós. Amém!
- Custódio, amigo meu.
- Custódio sim, amigo não!
- Diz-me as treze palavras ditas e tornadas.
- Digo.
- Diz-me as duas.
- As duas: são as duas tabuinhas de Moisés, onde Cristo, Senhor Nosso, pôs os seus divinos pés. E a primeira é a Casa Santa de Jerusalém onde Cristo, Senhor Nosso, morreu por nós. Amém!

- Custódio, amigo meu!
- Custódio sim, mas teu amigo não!
- Diz-me as treze palavras ditas e tornadas.
- Digo.
- Então, diz-me as três.
- As três: são as três pessoas da Santíssima Trindade; e as duas, são as duas tabuinhas de Moisés onde Cristo, Senhor Nosso, pôs os seus divinos pés; e a primeira, é a Casa Santa de Jerusalém, onde Cristo, Senhor Nosso, morreu por nós. Amém!
- Custódio, amigo meu!
- Custódio sim, mas teu amigo não!
- Diz-me as treze palavras ditas e tornadas.
- Digo.
- Diz-me as quatro.
- As quatro: são os quatro evangelistas; as três, são as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, são as duas tabuinhas de Moisés onde Cristo, Senhor Nosso, pôs os seus divinos pés; e a primeira, é a Casa Santa de Jerusalém, onde Cristo, Senhor Nosso, morreu por nós. Amém!
- Custódio, amigo meu!
- Custódio sim, mas teu amigo não!
- Diz-me as treze palavras ditas e tornadas.
- Digo.
- Então, diz-me as cinco.
- As cinco: são cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; e os quatro, são os quatro evangelistas; e as três, são as três pessoas da Santíssima Trindade; e as duas, são as duas tabuinhas de Moisés onde Cristo, Senhor Nosso, pôs os seus divinos pés; e a primeira, é a Casa Santa de Jerusalém, onde Cristo, Senhor Nosso, morreu por nós. Amém!
- Custódio, amigo meu!

- Custódio sim, mas teu amigo não!
- Diz-me as treze palavras ditas e tornadas.
- Digo.
- Diz-me as seis.
- Os seis: são os seis sarabentos; as cinco, são cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; e os quatro são os quatro evangelistas; três, são as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, são as duas tabuinhas de Moisés onde Cristo, Senhor Nosso, pôs os seus divinos pés; e a primeira, é a Casa Santa de Jerusalém, onde Cristo, Senhor Nosso, morreu por nós. Amém!
- Custódio, amigo meu!
- Custódio sim, mas teu amigo não!
- Então, diz-me as treze palavras ditas e tornadas.

Oração do Anjo da Guarda

Santo Anjo do Senhor,
meu zeloso guardador,
já que a ti me confiou
a piedade divina,
sempre me rege,
me guarda, me governa
e ilumina.

Ámen!

Figura 21. Costas da estampilha do baptizado de uma bebé, razão do cor-de-rosa! Maio de 2017. Oração ao Anjo da Guarda, a permanência milenar de uma crença.

- Digo.
- Diz-me as sete.
- Os sete: são os sete sacramentos; os seis, são os seis sarabentos; as cinco, são as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; os quatro, são os quatro evangelistas; três, são as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, são as duas tabuinhas de Moisés onde Cristo, Senhor Nosso, pôs os seus divinos pés; e a primeira, é a Casa Santa de Jerusalém, onde Cristo, Senhor Nosso, morreu por nós. Amém!
- Custódio, amigo meu!
- Custódio sim, mas teu amigo não!
- Diz-me as treze palavras ditas e tornadas.
- Digo.
- Diz-me as oito.
- As oito: são os oito guardiões; e os sete, são os sete sacramentos; e os seis, são os seis sarabentos; e as cinco são cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; e os quatro, são os quatro evangelistas; e as três são as três pessoas da Santíssima Trindade; e as duas, são as duas tabuinhas de Moisés onde Cristo, Senhor Nosso, pôs os seus divinos pés; e a primeira, é a Casa Santa de Jerusalém, onde Cristo, Senhor Nosso, morreu por nós. Amém!
- Custódio, amigo meu!
- Custódio sim, mas teu amigo não!
- Diz-me as treze palavras ditas e tornadas.
- Diz-me as nove.
- As nove: são os nove meses que o Menino Jesus andou dentro do ventre da sua mãe Maria Santíssima; os oito, são os oito guardiões; os sete, são os sete sacramentos; os seis, são os seis sarabentos; as cinco são cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; e os quatro, são os quatro evangelistas; as três, são as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, são as duas tabuinhas de Moisés onde Cristo, Senhor Nosso, pôs os seus divinos pés; e a primeira, é a Casa Santa de Jerusalém, onde Cristo, Senhor Nosso, morreu por nós. Amém!
- Custódio, amigo meu!

- Custódio sim, mas teu amigo não!
- Diz-me as treze palavras ditas e tornadas.
- Digo. - Diz-me as dez.
- Os dez: são os dez mandamentos; os nove, são os meses que o Menino Jesus andou dentro do ventre da sua mãe Maria Santíssima; os oito, são os oito guardiões; os sete, são os sete sacramentos; os seis, são os seis sarabentos; as cinco são cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; as quatro, são as quatro evangelistas; os três são as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, são as duas tabuinhas de Moisés onde Cristo, Senhor Nosso, pôs os seus divinos pés; e a primeira, é a Casa Santa de Jerusalém, onde Cristo, Senhor Nosso, morreu por nós. Amém!
- Custódio, amigo meu!
- Custódio sim, mas teu amigo não!
- Diz-me as treze palavras ditas e tornadas.
- Digo. - Então diz-me as onze!
- As onze: são as onze mil virgens; e os dez são os dez mandamentos; e os nove, são os meses que o Menino Jesus andou dentro do ventre da sua mãe Maria Santíssima; os oito, são os oito guardiões; os sete, são os sete sacramentos; os seis, são os seis sarabentos; as cinco são as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; os quatro, são os quatro evangelistas; as três são as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, são as duas tabuinhas de Moisés onde Cristo, Senhor Nosso, pôs os seus divinos pés; e a primeira, é a Casa Santa de Jerusalém, onde Cristo, Senhor Nosso, morreu por nós. Amém!
- Custódio, amigo meu!
- Custódio sim, mas teu amigo não!
- Diz-me as treze palavras ditas e tornadas.
- Digo.
- Diz-me as doze!
- As doze: as doze são os doze apóstolos; os onze são as onze mil virgens; os dez, são os dez mandamentos; os nove, são os meses que o Menino Jesus andou dentro do ventre da sua mãe Maria Santíssima; os oito, são os oito guardiões; os sete, são os sete

sacramentos; os seis, são os seis sarabentos; as cinco, são as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; os quatro, são os quatro evangelistas; as três são as três pessoas da Santíssima Trindade; as duas, são as duas tabuinhas de Moisés onde Cristo, Senhor Nosso, pôs os seus divinos pés; e a primeira, é a Casa Santa de Jerusalém, onde Cristo, Senhor Nosso, morreu por nós. Amém!

- Custódio, amigo meu!

- Custódio sim, mas teu amigo não!

- Diz-me as treze palavras ditas e tornadas.

- Digo.

- Diz-me as treze!

- As treze?! Sete raios tem o sol; seis raios tem a lua. Arrebenta pecado infernal, que esta alma não é tua! É de Deus e da Virgem Pura! Aleluia! Aleluia! Aleluia!

A respeito do nome Custódio, lembra-se que a função precede o nome. Mais tarde, fundem-se ambos. Exemplo é «Satanás». Até ao século VI a.C., à redacção do Livro de Job, escreve Carvalho, «Satan aparece com o artigo, O Hassatan (o Adversário), no sentido de acusador e, dentre de todos os filhos de Deus, ele é o fiscal das acções humanas e o distribuidor do mal». (2011: 20). Também os personagens centrais dos contos de fadas não têm nome individualizado, antes uma função ou situação: Branca de Neve, Gata Borralheira, Rapunzel ou a Bela e o Monstro. Igualmente os apelidos dados na aldeia: Ti Joaquim ferreiro ou Ti Maria Zé taberneira.

A pedido do rei Dom Manuel e dos bispos portugueses, escrevem AaVv (2012), o Papa Leão X instituiu em 1504 a festa do «Anjo Custódio do Reino» cujo culto há muito existia em Portugal. Aliás, só existindo há muito e tendo elevada participação popular se compreende o pedido de *legalização* eclesiástica. Oficializada a celebração tradicional, continuam os autores, Dom Manuel expediu alvarás às Câmaras a determinar que essas festas em honra do Anjo da Guarda de Portugal fossem celebradas com a maior solenidade. Nesta festa deveriam participar as autoridades e instituições das cidades e vilas, além de todo o povo, muito à semelhança da (talvez) maior festa institucional, portuguesa, o Corpo de Deus. É isto mesmo que as Ordenações Manuelinas determinam. A celebração do Anjo Custódio de Portugal manteve o seu esplendor durante os séculos XVI, XVII e XVIII.

Por fim, o anjo Custódio, tal como os anjos da guarda e os santos jovens, é apresentado com espada e armadura, como se fosse um guerreiro. Contudo, o seu ar angelical não

assusta ninguém, o que contradiz a representação iconográfica. Aliás, anjo ou anjinho ainda hoje significa inocente ou mesmo papalvo.

De acordo com o testemunho dos Pastorinhos de Fátima, em 1915 e 1916 o Anjo de Portugal apareceu por diversas vezes a anunciar as aparições de Nossa Senhora. Contudo, no interrogatório oficial, a 8 de Julho de 1924, Lúcia não foi interrogada sobre as visões do “vulto branco”, nem sobre as aparições do Anjo de Portugal, em 1916. Nem ela disse algo acerca do assunto.

Se o facto tivesse acontecido, teria sido abordado. Ninguém se pronunciou sobre este assunto, nem sequer, no relatório final do processo canónico diocesano, redigido pelo Dr. Formigão, aprovado pela comissão, a 14 de Abril de 1930, e entregue ao Bispo de Leria, que nele se baseou, para redigir a carta pastoral de 13 de Outubro do mesmo ano. Só nas Memórias 2, Lúcia refere o episódio. Lúcia que foi colocada no mosteiro, logo após a última aparição, sem nunca ser entrevistada por alguém fora da alça apertada da hierarquia católica. Como escreve Santo, os primeiros escritos são de uma «impressionante singeleza». A segunda fase dos escritos sobre Fátima, inicia-se em 1927, com a aceitação das aparições por parte da Igreja Católica e são textos de «conteúdo muito diferente, de elaboração eclesiástica». (1995:20). Estaremos perante uma formatação religiosa e política realizada *a posteriori*, que pretende centralizar em Fátima (Cova de Iria) dois cultos católicos populares muito profundos e universais: Maria e o Anjo Custódio (de Portugal).

Interessante que, em vez de Custódio, há quem diga Cristóvão, como os dois autores que referi. Mas Dias (1929) escreve Cristóvão, na versão recolhida na Cumeada, Sertã. No início do Capítulo, o autor escreve que as «treze palavras ditas e retornadas [...] Também são chamadas do Anjo Custódio». (Dias, 1929:187-196). E, quando recolhi, no Ladoeiro, a mulher de virtude, que mas rezou, começou com Custódio, mas estava sempre a enganar-se e a dizer Cristóvão. Será por ambos serem gigantes?!

Conclusão

Os soldados franceses da primeira invasão terão estado no Ladoeiro, como em muitas aldeias vizinhas, mas, interessante, não destruíram o brasão da Fonte Grande.

O forte de que fala a memória paroquial (1758) localizar-se-ia no cimo da Ladeira e um Rufino terá construído a grande casa de granito com pedras deste forte.

Os números dos portais quinhentistas seriam o número de associado de uma mutualista de criadores de gado que terá durado do Século XVI ao XIX.

Aponte da Munheca terá sido construída de raiz. Uma ponte romana não existiria aqui, mas em Belgais, junto à foz do Ribeiro do Ladoeiro no Ponsul.

Ladoeiro, e dezenas de outros topónimos, é de origem fenício-cartaginesa. No Ladoeiro houve, durante séculos, um santuário dedicado ao deus Molok. O termo Esporão, que aparece em textos oficiais para designar o Ladoeiro, terá existido (apenas) durante o domínio filipino e seria a ponta sul da Herdade do Esporão. A razão da estadia de fenícios, cartagineses e, mais tarde, romanos nesta região, entre outras, deve-se à abundância de ouro de aluvião e de minas.

O brasão da capela da Misericórdia foi incrustado na parede de acesso ao altar por um dos primeiros Provedores que seria afecto à causa espanhola e, por esta razão, terá sido destruído com a Restauração.

À semelhança de toda a Beira Interior, o Ladoeiro tem muitos judeus, cristãos-Novos, a avaliar pelos processos existentes na Torre do Tombo.

A Procissão dos Homens, realizada nas Sextas-Feiras da Quaresma, excepto Sexta-Feira Santa, é um dos muitos rituais da estação realizados para que o trigo germine e dê espiga farta.

No Ocidente, habituámo-nos a ver as cores muito no «fica bem», «parece mal», «gosto», «não gosto». Contudo, se ainda não pensamos na influência das cores como pensa o Oriente, para lá parecemos caminhar, pois que, cada vez mais, a moda e a publicidade, entre outros, jogam com elas, cores e tonalidades, para atingirem os seus objectivos. O uso das cores na aldeia obedeceu e obedece a arquétipos, um modelo ancestral, milenar, que explica os usos e os costumes; por exemplo, o preto na morte e no luto, o branco na pureza na primeira comunhão.

O bostear o piso térreo da casa revela um costume prático e eficaz, pois isola quer do frio, quer do calor, ao mesmo tempo que é indicador da arte de uma boa dona de casa. A cantareira, por seu lado, era a montra da riqueza, ou pobreza da casa, enquanto mostrava os dotes decoradores da dona.

O anjo da guarda individual, a par do anjo custódio de Portugal, continua o culto milenar que atribui um anjo a cada indivíduo ao mesmo tempo que o liga ao céu e às estrelas.

Fontes Manuscritas

<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2307804>

<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2308090>

<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2309447>

<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2310141>

<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2310877>

<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2311504>

<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2312557>

<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=2313595>

<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=2300396>

<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=2300837>

(1758). <http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240434>, memórias paroquiais.

Leis

Decreto de 6 de Novembro de 1836 em <http://arquivo.cm-vidigueira.pt/viewer?id=81069&FileID=208890>

Referências Bibliográficas

AaVv. (1975). *Bíblia Sagrada*. Porto: Livraria Figueirinhas.

AaVv. (1976). *O Livro de Henoch*. Lisboa: Editorial Minerva.

AaVv. (2012). Anjo Custódio de Portugal. Retirado de http://portugalmisterioso.no.comunidades.net/index.php?pagina=1594777038_02

ALARCÃO, Jorge. (2001). Novas Perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, nº 2, 293-349.

ALMEIDA, Fernando Rodrigues de. (2009). *O Outro Lado da História*. Odemira: Câmara Municipal.

ALMEIDA, Fernando Rodrigues de. (2013). *A Origem da Língua Portuguesa*. Lisboa: Chiado Editora.

ALMEIDA, Fernando Rodrigues de. (2015). *A Origem da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://plus.google.com/u/0/111771783381888269675?cfem=1>, retirado em 7 de Novembro de 2017.

ALMEIDA, Fernando Rodrigues. (2015a). Os Gados na Toponímia. Disponível em https://www.academia.edu/19506579/OS_GADOS_NA_TOPON%C3%8DMIA, em 21 de Junho de 2016.

ARRUDA, Ana Margarida e Celestino, Sebastian. (2008b). *Arquitectura Religiosa en Tartessos*. Disponível em http://www.academia.edu/299449/Arquitectura_Religiosa_En_Tartessos, retirado em 20 de Junho de 2016, 1-33,

ARRUDA, Ana Margarida. (2008a). Fenícios e Púnicos em Portugal. *Problemas e Perspectivas*. Disponível em http://www.uniaraq.net/uploads/4/7/1/5/4715235/arruda_2008b.pdf, retirado em 15 de Junho de 2016, 13-23.

CARVALHO, António Maria Romeiro. (1994, Julho). *A Procissão dos Homens no Ladoeiro...*, *Fórum Sociológico*, nº 3. Lisboa: UNL.

CARVALHO, António Maria Romeiro. (2011). *Virgem negra, maria madalena e nossa senhora da conceição. A continuidade de um culto pagão. Açafa*. 5, 20.

CARVALHO, António Maria Romeiro. (2016a). *Workshop II: Monumentos, História e Tradições do Ladoeiro*.

CARVALHO, António Maria Romeiro. (2016b). *Tombo dos Bens da Vila de Idanha-a-Nova e dos Lugares de Oledo e Ladoeiro*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal.

CARVALHO, António Maria Romeiro. (2017). *Toponímia do Conselho de Idanha-a-Nova. A Língua dos Fenícios, Cartagineses e Lusitanos na Região*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal.

CARVALHO, António Maria Romeiro. (2017, Abril). *Workshop III: História, Monumentos e Tradições do Ladoeiro*.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. (1994). *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema.

CLARA, Maria. (2010). *As 13 Palavras ditas e tornadas*. Disponível em http://www.memoriamedia.net/bd_docs/Transcricoes_Iდანha_a_nova/13_palavras.pdf

DIAS, Jaime Lopes. (1929). Etnografia da Beira. Volume 3. Lisboa: Livraria Ferin.

DIAS, Jaime Lopes. (1940). Etnografia da Beira. Volume 6. Lisboa: Livraria Ferin.

ESTRABÃO (1992). Geografia, libros III-IV. Madrid: Editorial Gredos.

GANDRA, Manuel J. (2012). *O Anjo Custódio de Portugal*. Retirado de <http://casadofauno.wordpress.com/2012/05/29/palestra-o-anjo-custodio-de-portugal/>

GOMES, J. Pinharanda. (2012). O Anjo da guarda de Bucelas. Disponível em <http://www.gmrbemposta.com/osceifeirosdabemposta/content.php?page=tema&idtema=16&seccao=2>

HENRIQUES, Francisco, BATATA, Carlos, CHAMBINO, Mário, CANINAS, João Carlos, CUNHA, Pedro P. (2010). Mineração aurífera antiga, a céu aberto, no centro e sul do distrito de castelo branco. *Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalúrgia no Sudoeste Europeu*. Vila Velha de Ródão, 18 a 20 de Junho de 2010, 2-29. Disponível em

https://www.academia.edu/6176608/Minera%C3%A7%C3%A3o_aur%C3%ADfera_antiga_a_c%C3%A9u_aberto_no_centro_e_sul_do_distrito_de_Castelo_Branco_Old_gold_mining_open_pit_in_the_center_and_south_of_the_district_of_Castelo_Branco_Portugal_, retirado em 15 de Novembro de 2017.

HENRIQUES, Francisco, CANINAS, João Carlos, CARVALHO, Carlos Neto de, e CHAMBINO, Mário. (2016). Exploração Aurífera Antiga no Rio Ponsul (Castelo Branco): Novos Dados. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Carlos_Carvalho22/publication/309429128_Exploracao_aurifera_antiga_no_rio_Ponsul_Castelo_Branco_novos_dados_Ancient_gold_mining_at_the_Ponsul_River_Castelo_Branco_new_data_Geopark_Naturtejo_da_Meseta_Meridional_-_Geoparque_Mundial_da_UNESCO/links/58108aa808aee15d4914b844/Exploracao_aurifera_antiga_no_rio_Ponsul_Castelo_Branco_novos_dados_Ancient_gold_mining_at_the_Ponsul_River_Castelo_Branco_new_data_Geopark_Naturtejo_da_Meseta_Meridional_-_Geoparque_Mundial_da_UNESCO.pdf?origin=publication_list, retirado em 15 de

Novembro de 2017.

HORMIGO, José J. M. (1979). Ladoeiro. História Breve. Edição do Autor.

<http://beira-baixa-historia-oculta.blogs.sapo.pt/411.html>

<http://cleofas.com.br/02-de-outubro-dia-do-anjo-da-guarda/>

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/70/Mapa_da_1%C2%AA_invas%C3%A3o_francesa.jpg

KANDINSKY, Wassily. (1954). Do Espiritual na Arte. Lisboa: Publicações D. Quixote.

NAVES, Filomena. (2015, Agosto 12). A Primeira Escrita da Península Ibérica. *Diário de Notícias*, Disponível em <https://www.dn.pt/portugal/interior/a-primeira-escrita-da-peninsula-iberica-4598434.html>, retirado em 15 de Novembro de 2017.

OLIVEIRA, Carlos de e FERREIRA, José Gomes. (Org.). (1977). Contos Tradicionais Portugueses. Porto: Livraria Figueirinhas.

OMAN, Sir Charles. (1902). A History of the Peninsular War, volume 1. Oxford: Clarendon Press.

PEREIRA, Gonçalo. (2016, junho). Ecos de outra escrita na cidade. *National Geographic*, 49.

PINHO LEAL, Augusto. (1873). Portugal Antigo e Moderno... Lisboa: Livraria Editora de Matos Moreira & C^a, Disponível em: http://www.freguesias.pt/porta/lendas_freguesia.php?cod=110702

REIS, Jacinto. (1967). Invocações de Nossa Senhora em Portugal de aquém e além-mar e seu padroado. Lisboa: s.e.

SANTO, Moisés Espírito. (1988). Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa seguido de Ensaio sobre Toponímia Antiga, Lisboa: Assírio & Alvim.

SANTO, Moisés Espírito. (1989). Fontes Remotas da Cultura Portuguesa. Lisboa: Assírio & Alvim.

SANTO, Moisés Espírito. (1993). Dicionário Fenício-Português. Lisboa: U.N.L.

SANTO, Moisés Espírito. (1993). Origens do cristianismo português, precedido de A Deusa Síria de Luciano. Lisboa: UNL.

SANTO, Moisés Espírito. (1995). Os Mouros Fatimitas e as Aparições de Fátima. Lisboa: UNL

SANTO, Moisés Espírito. (2004). Cinco Mil Anos de Cultura a Oeste. Lisboa: Assírio & Alvim.

SARMENTO, Francisco Martins. (1882). Etnologia — Os Celtas na Lusitânia (Estudo). *Revista Científica*, Porto, Ano I, 75, 128, 184, 294 e 359.

SILVA, Pedro Miguel Canitos Rego da. (2017). Subsídios para o Estudo da História do Ladoeiro Que em Algum Tempo se Chamou o Esporão do Povoamento ao Final do Antigo Regime. Castelo Branco: Edição do Autor.

VICENTE, Gil. (2012). Auto da Alma. Retirado de http://pt.wikisource.org/wiki/Auto_da_Alma

ZAHAN, Dominique. (1990). O Homem e a Cor. Em Dirc. Jean Poirier. *História dos Costumes*, Vol. 1. Lisboa: Editorial Estampa, 91-130.